

## AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL N° 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail [recursoscontinuos@dirbi.ufu.br](mailto:recursoscontinuos@dirbi.ufu.br).

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**  
**MARIANA DE PAULA BATISTA**

***O LABIRINTO DA SOLIDÃO, DE OCTAVIO PAZ: CAMINHOS  
E POSSIBILIDADES DE UMA LEITURA HISTÓRICA***

**UBERLÂNDIA**

**2011**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**  
**MARIANA DE PAULA BATISTA**

***O LABIRINTO DA SOLIDÃO, DE OCTAVIO PAZ: CAMINHOS  
E POSSIBILIDADES DE UMA LEITURA HISTÓRICA***

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel e Licenciada em História e para a conclusão do curso.

Orientador: Prof. Dr. Leandro José Nunes.

**UBERLÂNDIA**

**2011**

Mariana de Paula Batista

*O labirinto da solidão*, de Octavio Paz: caminhos e possibilidades de uma leitura histórica.  
55Fls.

Orientador: Prof. Dr. Leandro José Nunes

Monografia (Bacharelado e Licenciatura) – Universidade Federal de Uberlândia, Curso de  
Graduação em História.

Inclui Bibliografia.

Palavras-Chave: Mexicano. Modernidade. Octavio Paz.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**  
**MARIANA DE PAULA BATISTA**

***O LABIRINTO DA SOLIDÃO, DE OCTAVIO PAZ: CAMINHOS  
E POSSIBILIDADES DE UMA LEITURA HISTÓRICA***

Banca Examinadora

---

Orientador: Prof. Dr. Leandro José Nunes

---

Examinadora: Prof. Dra. Dilma Andrade de Paula

---

Examinadora: Prof. Dra. Regina Ilka Vasconcelos

Aos meus pais, meus irmãos e aos meus amigos de fé e política, pelo companheirismo.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço àqueles que estiveram perto e àqueles que estiveram distantes, mas sempre presentes.

Aos professores que me acompanharam durante os anos de graduação, em especial àqueles que fazem da coerência e lucidez histórica o caminho para se pensar, principalmente sobre nosso país. Àqueles, que, minimamente mantêm a sensatez de estar em sala de aula refletindo sobre projetos e ampliando nossas necessárias percepções sobre as relações humanas em sociedade. Agradeço também àqueles que, por terem posições políticas contrárias, revelaram-me um distanciamento em relação a tudo isso que falei, o que não me impediu de sempre rever conceitos e me fortalecer, sabendo que as experiências em vida são o que move o desejo de ir além do que está proposto.

Aos meus colegas de sala de aula, aos que me ajudaram – e muito – nos estudos, nas discussões, nas discordâncias, nas alegrias e nas tristezas. Espero que cada um deles encontre seu caminho e faça desse caminho o campo para mudanças coerentes e lúcidas.

Aos funcionários do Instituto de história, aos coordenadores e aos secretários que, por meio de seu trabalho, ajudam a manter a organização do curso de História, sempre que possível atendendo nossas necessidades. Reconheço e afirmo que a parte burocrática do trabalho na instituição é realmente estafante, e esses profissionais têm superado isso, apoiando com competência a realização do curso.

Aos funcionários do CDHIS, lugar esse que me trouxe muita alegria, experiências e mudanças no tocante às novas problemáticas que enfrentei como futura profissional de História. Aprendi muito com cada um deles – com Velso, Maucia, Marta, Dulcina e Ivanilda.

Agradeço às minhas amigas Lohanne (Historiadora) e Lindalva (Artista plástica), que me acompanharam e ainda me acompanham desde a época do CDHIS (2007-2009). Tenho muito que agradecer-las: pelo apoio em vários dos meus trabalhos, realizados em conjunto ou individualmente, por meio de mútua ajuda, além das conversas pessoais, em que me ajudaram sempre nas angústias e dificuldades.

Também não poderia deixar de agradecer ao Movimento Estudantil, do qual fiz parte ativamente nos três primeiros anos da graduação. Fiz parte do coletivo “Para Além dos Muros” em 2006; do Centro Acadêmico dos Cursos de História (CAHis) “Não vou me adaptar!”, em 2007; e do DCE na gestão “O impossível é dever de todos!”, também em 2007. Tais participações ativas só me mostraram que a luta é maior e urge a cada dia que passa. Vida longa aos estudantes!

Agradeço, enfim, a presença das professoras Regina e Dilma na Banca de exame desse meu trabalho e ao meu orientador Leandro José Nunes, que teve a tranquilidade em me orientar nas minhas escritas confusas e, muitas vezes, sem entendimento.

No mais, espero uma boa leitura, e que o diálogo seja possível para além da Academia.

*“O labirinto da solidão foi um exercício de imaginação crítica: uma visão e simultaneamente, uma versão. Algo muito diferente de um ensaio de filosofia do mexicano ou de uma busca do nosso pretendido ser. O mexicano não é uma essência, mas sim uma história.”* (Octavio Paz)



## RESUMO

A partir da metáfora que o ensaio de Octavio Paz propõe, o *fio* da construção da identidade é traçado enquanto possibilidade de entender o sujeito mexicano. Esse sujeito, entendido aqui como aquele que se forma em sociedade e nela atua de forma significativa, contribuindo para a história, é o sujeito que também possibilita reflexões que partem de um pensar sobre nossa presença na América Latina e no mundo. A máscara, entendida como um elemento fundamental da crítica de Octavio Paz ao mexicano, possibilitou analisar esse sujeito em meados do século XX, frente às mudanças sociais pelas quais todo o continente estava passando e, assim, realizar um encontro de culturas que está para além dos padrões que a dita civilização moderna ocidental reivindica. Sendo assim, *O labirinto da solidão* é um convite aos vários posicionamentos do historiador, mas é, antes de tudo, também um necessário refazer-se de nosso ofício.

**Palavras chaves:** Mexicano. Modernidade. Octavio Paz.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
CAPÍTULO 1 – A MÁSCARA: CULTURA E COMPORTAMENTO MEXICANO.....	19
CAPÍTULO 2 – A CONSTRUÇÃO DA MODERNIDADE E A CRÍTICA DA REVOLUÇÃO MEXICANA.....	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	53

## INTRODUÇÃO

*A experiência pode adotar esta ou aquela forma,  
mas é sempre um ir além de si,  
um romper os muros temporais, para ser outro.*  
(O arco e a lira - Octavio Paz)

Octavio Paz (1914-1998; Cidade do México) foi poeta, crítico literário, ensaísta, diplomata e pensador mexicano. Herdeiro de uma família tradicionalista e também liberal, Octavio Paz teve contato com a intelectualidade logo cedo, pois desfrutava da biblioteca de seu avô, que era liberal e um importante escritor no México, tendo também muito contato com o teatro espanhol.

Foi filho de mãe espanhola, católica e tradicionalista, e de um pai que pertencia à burguesia mexicana. Esse último, como democrata, quando da Revolução mexicana, quis se unir à facção de combate do Norte do México, mas logo conheceu Emiliano Zapata, no sul do México, tornando-se, assim, conselheiro pessoal desse revolucionário campesino. Passou a infância nos Estados Unidos, acompanhando a família. Aos quinze anos de idade, Octavio Paz despertou para a política e, desde então, sempre foi muito crítico à centralização do Estado, pois, segundo ele próprio, o poder central monopoliza a política e a economia do país.

De volta ao seu país, estudou Direito na Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM) e cursou, também, estudos de especialização em Literatura. Morou na Espanha, onde conviveu com diversos intelectuais. Em 1945, ingressou no serviço diplomático mexicano e, ao residir em Paris, testemunhou e viveu o Movimento Surrealista, sofrendo grande influência de André Breton, de quem foi amigo.

Pertencendo a uma estirpe que começou a se tornar cada vez mais importante neste século, a dos poetas-pensadores que discutem profundamente seu próprio fazer, Paz é também dos mais renomados ensaístas latino-americanos [...]¹.

Em 1980, o escritor foi nomeado doutor honoris em harvard. Recebeu o prêmio Cervantes (o prêmio mais importante da língua espanhola), em 1979, e o prêmio Alexis de Tocquerville, em 1989.

Influenciado por José Ortega y Gasset, na Espanha, e Alfonso Reyes no México, Octavio Paz considerou-se aluno desses dois pensadores. Em 1990 ganhou o prêmio Nobel de Literatura, sendo considerado pela crítica atual como um escritor neo-barroco pelo fato de trabalhar a identidade latino-americana, pois

---

¹ ASCHER, Nelson. “Branco” a duas vozes. Folha de S. Paulo, São Paulo, s/p, 05 jun. 1986.

é legítimo propor para o terreno da identidade latino-americana a noção „artística“ do barroco [...] o barroco é animado secretamente por uma nostalgia do Paraíso Perdido: o que se aproxima da idéia de orfandade, proposta por Octavio Paz.<sup>2</sup>

Ainda sobre Octavio Paz,

sua reflexão cultural provém de um pensamento informado por todas as mais candentes questões políticas do século, bem como por um inesgotável interesse pela história, enquanto posições políticas são as de um escritor que vê na cultura e em todas as suas manifestações uma dimensão essencial da existência humana.<sup>3</sup>

Posto seu ativismo político, em 1937 viaja para Valência, na Espanha, em plena Guerra civil espanhola, com o objetivo de participar do segundo congresso internacional de escritores anti-fascistas. Até então, fazia parte do partido comunista, mas afastou-se do comunismo depois do pacto entre Hitler e Stálin, em 1939.

Quando foi diplomata na França (1945) e quando esteve nos Estados Unidos da América escreveu o ensaio que aqui será tratado: *O labirinto da solidão*. No entanto, Octavio Paz não escreveu apenas sobre seu país de origem ou sobre os países ocidentais e latino-americanos, pois teve contato com culturas e países diversos como Índia, China e Japão. Sobre o primeiro, escreveu *Vislumbres da Índia: um diálogo com a condição humana* enquanto atuou como embaixador na Índia. Renunciou a esse último cargo em função dos assassinatos cometidos pelo governo do México, em 02 de outubro de 1968, quando o governo ordenou a intervenção do Exército contra manifestação universitária.

Octavio Paz influenciou escritores do mundo todo. Dentre eles, o crítico literário brasileiro Silviano Santiago, o qual utiliza o livro *O Labirinto da Solidão e Raízes do Brasil* em numa análise comparativa para sugerir uma nova compreensão da identidade latino-americana em *As raízes e o labirinto da América Latina*<sup>4</sup>.

Em seu trabalho como editor, fundou duas importantes revistas dedicadas à arte e à política: *Plural* e *Vuelta*, as quais tinham como princípio, *a priori*, a defesa de uma sociedade democrática.<sup>5</sup>

<sup>2</sup> JÚNIOR, Roosevelt Araújo da Rocha. Desvendar e Crítica de uma Identidade: Mexicanidade e Americanidade em Octavio Paz. **História, imagem e narrativas**, Campinas. n. 3, ano 2. p. 247. set. 2006.

<sup>3</sup> ASCHER, Nelson. Ensaio exibem lucidez do pensador mexicano. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, p. D-1, 28 mai. 1988.

<sup>4</sup> SANTIAGO, Silviano. **As raízes e o labirinto da América Latina**. Editora: Rocco, 2006.

<sup>5</sup> Conferir em <<http://www.letraslibres.com/index.php?art=11979>> acesso em 01 de março de 2001.

O ensaio proposto para análise nesse meu trabalho é o mais polêmico do escritor Octavio Paz, já que se trata de uma época conturbada e influenciada pelas turbulências que o mundo vinha passando – das guerras, da polarização entre dois grandes eixos político-ideológicos, além de uma necessária reorganização do fazer-se e atuar como intelectual.

N“*O labirinto da solidão*, com duas edições no Brasil<sup>6</sup>, Octavio Paz inicia seu ensaio a partir da tentativa de desvendar o comportamento de certo grupo de jovens mexicanos residentes nos Estados Unidos da América – os *pachucos*. É desse olhar “analítico” sobre o *extremo* do mexicano que o autor tece uma rede de comportamentos desse mexicano singular, desenvolvendo, a partir daí, uma análise dos comportamentos do mexicano residente no próprio México.

O *pachuco* é o *outro*, separado geograficamente de sua “pátria”, lugar em que Octavio Paz quis encontrar sua imagem de mexicano mais indagadora; a partir do *outro*, “vê” o próprio mexicano. A característica mais marcante do *pachuco* é sua manifestação de um ar violento, expresso pela linguagem representada pelas roupas e pela conduta. O *pachuco* se afirma na sociedade como singular, fora de qualquer tempo histórico, até mesmo do seu tempo presente. Os jovens *pachucos* criam seu próprio tempo. O *pachuco*, pois, “flutua: não acaba de ser, nem acaba de desaparecer”<sup>7</sup> e, segundo Octavio Paz: “o que me parece distingui-los do resto da população é seu ar furtivo e inquieto, de seres que se fantasiam, de seres que temem o olhar alheio, capaz de despi-los e deixá-los nus em pêlo.”<sup>8</sup>

Octavio Paz compara o *pachuco* – o próprio termo – às criações populares, já que essas últimas carregam uma pluralidade de significados possíveis. No entanto, na caracterização que Octavio Paz faz do *pachuco*, revela um ser que não é identificado como mexicano e tampouco se funde, aparentemente, à cultura estudunidense. O que significa ser *pachuco* um ser deslocado da sociedade, que não se insere em nenhum âmbito social, revolta-se com tudo, não aceita o *outro*, diferencia-se pelo que não é em relação ao *outro*. É um ser que comporta muitas contradições e, ao que parece, se faz pelas contradições. Isso é evidenciado tanto pela forma como o ser se manifesta com conflitos e dúvidas quanto pela maneira como o autor constrói seu argumento, visto que trabalha com a dialética, articulando as proposições de forma a mostrar as complexidades que permeiam as relações dos seres humanos entre si, revelando desejos e, principalmente, medos. Sobre o *pachuco*, diz mais:

<sup>6</sup> *O labirinto da solidão e post scriptum* foi editado em 1984 e em 2006. Ambas edições traduzidas por Eliane Zagury, pela mesma editora: Paz e Terra.

<sup>7</sup> PAZ, Octavio. **O labirinto da solidão e post scriptum**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006, p. 16.

<sup>8</sup> *Ibidem*, p. 17.

Por meio de um dandismo grotesco e de uma conduta anárquica, apontam não tanto a injustiça ou a incapacidade de uma sociedade que não conseguiu assimilá-los quanto a sua vontade pessoal de continuar sendo diferente.<sup>9</sup>

A “incapacidade” de incorporar uma civilização contrapõe a afirmação da personalidade do *pachuco*. Cria-se, portanto, uma certa identidade, uma identidade coletiva e restrita, diferente de outros grupos – como os negros, que tentam ingressar na sociedade – e, diante da intolerância racial<sup>10</sup>, o *pachuco* não busca assimilações na sociedade, mas sim sua afirmação enquanto diferente dela.

Eles não pretendiam ser nem mexicanos nem norte-americanos. Manifestavam somente a decisão de não ser como os outros que os cercava. Tudo neles era impulso que se nega a si mesmo.<sup>11</sup>

Nessa parte da reflexão de Octavio Paz, o *pachuco* é aquele que não se sente “pertencente” a lugar algum, pois não se mostra reivindicador de uma “raiz identitária”. Tal identidade pode ser pensada aqui por meio da contribuição teórica do sociólogo Zygmund Bauman, o qual explicita que “a idéia de „ter uma identidade“ não vai ocorrer às pessoas enquanto o „pertencimento“ continuar sendo o seu destino, uma condição sem alternativa.”<sup>12</sup> E o *pachuco* encontra-se nesse âmbito do que se constitui ou não uma identidade, nesse mundo do não-pertencimento.

Em análise, Octavio Paz aponta que os trajes dos *pachucos* negam os princípios para os quais a vestimenta foi criada: a praticidade. Isso expõe uma dualidade, posto que a roupa marca, por um lado, o distanciamento do *pachuco* em relação aos estadunidenses; por outro lado, afirma a sociedade a qual objetiva negar, pois apropria-se dela mesma para, logo em seguida, negá-la. Assim sendo, a violência do *pachuco* causa terror para além da violência que volta para si mesmo, visto que, para a sociedade em que vivem, é considerado como um mito no sentido que realiza essa dualidade e isso traz desconfiança, preconceito e receios para com esses jovens, mais parecidos com tribos urbanas. O perigo que o *pachuco* representa consiste na diferença frente à sociedade em que vive, pois “parece encarnar a liberdade, a

<sup>9</sup> PAZ, Octavio. **O labirinto da solidão e post scriptum**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006, p. 18.

<sup>10</sup> SANTIAGO, Silviano. **As raízes e o labirinto da América Latina**. Editora: Rocco, 2006. p. 22. Atente-se para o trecho que refere-se a isso: “Por ser um *européu* desterrado pela segunda vez e por se tratar dum morador *intruso* nos Estados Unidos, o *pachuco* é por isso vítima do racismo norte-americano, que já lhe surge bem adubado pela escravidão africana”.

<sup>11</sup> JÚNIOR, Roosevelt Araújo da Rocha. op. cit., p. 243.

<sup>12</sup> BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005, p. 17-18.

desordem o proibido”<sup>13</sup>. O *pachuco* é, pois, a porta de entrada de um quase “auto-conhecimento” realizado por Octavio Paz, num desenvolvimento do pensamento que tenta recuperar tensões e diálogos entre o passado pré-cortesiano e o presente pós-revolução desse sujeito no México.

É impossível arriscar na análise das questões sobre a singularidade do *pachuco* sem atentar-me às questões mundiais do momento em que Octavio Paz escreve o livro e o que presenciou e observou nas atitudes furtivas desses jovens.

Para tratar desse grupo muito bem selecionado pelo autor, perpasso as discussões que, de maneira indireta, influenciaram Octavio Paz para pensar esses sujeitos. Assim, o estudos Sigmund Freud com *O mal-estar na civilização*<sup>14</sup> e Herbert Marcuse, com seu *Eros e civilização*<sup>15</sup>, fornecem os caminhos para pensar perspectivas do que seria o *pachuco* na sociedade.

Em 1929 Freud escreve *O mal-estar na civilização*, quando basicamente trata dos instintos dos seres humanos frente às imposições da civilização. Não coincidentemente é que o psicanalista fala de uma “crise” civilizacional em plena crise capitalista nas primeiras duas décadas do século XX. Assim, diante das premissas (re)interpretadas durante as décadas posteriores, foi preciso atentar para essa questão das imposições que permitiu refletir sobre o ser na figura do *pachuco*, e Octavio Paz não o faz por acaso, mas tenta mostrar através dos comportamentos desse grupo de jovens questões fundamentais sobre sentir-se e estar em sociedade, na chamada civilização<sup>16</sup>.

Para se pensar o *pachuco* há uma relação intrínseca entre esses sujeitos nascidos nos Estados Unidos da América e a guerra civil espanhola, da qual Octavio Paz se mostrou crítico – bem como radicalmente avesso a qualquer barbárie –, pois tanto a guerra como a cultura “desenraizada” demonstram o terror. E, penso aqui, o “terror” social/cultural e o terror da guerra, esses dois termos, revelam a possibilidade de se atirar para o tudo ou nada em meio ao que lhes é, *a priori*, desconhecido e não menos confuso. Cabe questionar: que esperanças esses sujeitos trazem nos processos históricos do século XX? Talvez a esperança de se afirmarem como homens, como humanidade e possibilidade de construção ou destruição.

<sup>13</sup> PAZ, Octavio. **O labirinto da solidão e post scriptum**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006, p. 20.

<sup>14</sup> FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

<sup>15</sup> MARCUSE, Herbert. **Eros e civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud**. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1978.

<sup>16</sup> FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1997, p. 52. Diz o texto: “[...] é impossível desprezar até que ponto a civilização é construída sobre a renúncia ao instinto [...] Essa „frustração cultural“ domina o grande campo dos relacionamentos sociais entre os seres humanos”.

Inseridos, pois, numa dada civilização, o confronto daí se segue como parte de um *mal-estar* permanente: é o mexicano na sua contradição.

Cabe aqui pensar que os estudos psicanalíticos sobre a civilização não se isolam do social, pois, nesse meu trabalho, o social está também impregnado das questões e problematizações do “eu”, que, como historiadora, arrisco analisar. Não falo aqui de um “eu” ou de um indivíduo apenas, mas de como esses dois termos se encontram inseridos nos grupos, falo de um coletivo. Octavio Paz mesmo chama atenção para o *pachuco*, pois há uma mescla entre o caráter e a prática sócio-cultural extrema, mesmo que esse sujeito esteja “desligado da sua cultura tradicional”<sup>17</sup>, o que indica que os *pachucos* são sujeitos que representam o mexicano em *carne viva*.

Em finais da década de 1960, Herbert Marcuse traduz todo o raciocínio de Freud para o pensamento político-social dos instintos<sup>18</sup>. Numa crítica contundente às formas racionais de destruição do mundo e do homem, os pensamentos de Marcuse podem convergir para o que Octavio Paz tenta expor sobre o *pachuco*, que é também uma crítica ácida à civilização; o *pachuco* é a encarnação da própria crítica para “pôr à mostra as raízes de sua imperfeição.”<sup>19</sup>

A partir dessa observação mais detalhada do *pachuco*, fora do México, nos capítulos seguintes do ensaio Octavio Paz desenvolve a reflexão e sustenta que o mexicano carrega uma máscara. Essa é uma metáfora utilizada pelo autor para descrever e pensar o comportamento social do mexicano, mas trata-se de um instrumento que revela a multiplicidade do comportamento do ser mexicano em sociedade. Octavio Paz parte da metáfora da solidão para falar de pessoas que são sujeitos da sociedade, que outrora vivem fora ou dentro do seu próprio país. Baseando-me nas tentativas e possibilidades que o autor realizou e teve em expor o mexicano em sua obra, atento que “é preciso indagar de que vale uma investigação se não for para encontrar sujeitos reais.”<sup>20</sup>

Com as “máscaras”, tratadas nos capítulos II, III e IV, Octavio Paz diz sobre o mexicano: “Não só dissimulamos a nós mesmos [...] também dissimulamos a existência de nossos semelhantes...”<sup>21</sup>. Na festa mexicana, o sujeito retira as “máscaras”, encontra-se consigo mesmo, num momento de explosão e de reconciliação, os sujeitos liberam-se e

<sup>17</sup> PAZ, Octavio. **O labirinto da solidão**. op. cit., p. 20.

<sup>18</sup> MARCUSE, Herbert. **Eros e a civilização**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1975, p. 231. Temos: “Freud não acreditou em eventuais mudanças sociais que alterasse suficientemente a natureza humana a ponto de libertarem o homem da opressão externa e interna; contudo, o seu fatalismo não era sem restrições”.

<sup>19</sup> FREUD, op. cit.

<sup>20</sup> ILKA, Regina. Tempos e memórias. Caminhos para o sertanejo: quem conta histórias. In: FENELON, Déa Ribeiro, MACIEL, Laura Antunes, ALMEIDA, Paulo Roberto de, KHOURY, Yara Aun (org). **Muitas memória, outras histórias**. São Paulo: Olho d'água, p. 260.

<sup>21</sup> PAZ, Octavio. **O labirinto da solidão**. op. cit., p. 43.



comungam entre si. Essa comunhão de homens e mulheres requer uma religiosidade própria, pois estes se encontram órfãos de um passado crítico de dominação européia.

O mexicano é produto de um passado de colonização, de destruição cultural, política e religiosa das antigas sociedades indígenas (Astecas, Maias...). Os aspectos mais “sombrios” dessas sociedades – sacrifícios humanos, por exemplo – são criticados pelo autor. Os capítulos V e VI e VII tratam da história do México – colonização, Independência, Reforma e Revolução.

*O post scriptum* finaliza o ensaio, criticando duramente a barbárie da sociedade atual e de seus governantes (o massacre dos estudantes em 1968, ordenado pelo governo). Num cunho mais filosófico que histórico, Octavio Paz recoloca a discussão sobre a identidade para afirmar que os problemas, as angústias, a solidão vivida pelos mexicanos, são comuns a todos os homens. “[...] quem, o quê e como somos? [...] somos nada, exceto uma relação [...] como parte de uma história.”<sup>22</sup>

*O labirinto da solidão* é um ensaio escrito em 1950. Recebeu da crítica – e ainda recebe – elogios pelo polêmico estudo que o escritor fez sobre o México e o mexicano, este ser “incomunicável”.

Pertencendo a uma estirpe que começou a se tornar cada vez mais importante neste século, a dos poetas-pensadores que discutem profundamente seu próprio fazer, Paz é também dos mais renomados ensaístas latino-americanos [...] tornou-se também intérprete das grandes questões políticas [...].<sup>23</sup>

Encarei o desafio de pesquisar *O labirinto da solidão* a fim de procurar o *fio de Ariadne* para, como historiadora, chegar às possíveis interpretações que o livro deixa como possibilidade e caminho para a construção do conhecimento histórico. São complexidades, que tanto para o próprio escritor quanto para seu objeto de reflexão, o mexicano, revelaram a mim as próprias construções da História feitas pelos homens em seu tempo.

*O labirinto* é uma análise da realidade histórica e social do México a partir da perspectiva cosmopolita, a partir do distanciamento suficiente que permitiu a Octavio Paz descobrir - ao contemplar-se no espelho dos Estados Unidos, outro centro excêntrico da civilização ocidental - sua imagem interrogante.<sup>24</sup>

É um texto permeado por metáforas que aludem a um passado distante, pré-colonial, quando no Vale do México habitavam povos de culturas distintas. O livro é, por assim dizer,

<sup>22</sup> PAZ, Octavio. op. cit., p. 198.

<sup>23</sup> ASCHER, Nelson. “„Branco“ a duas vozes”. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, s/p., 05 jun. 1986.

<sup>24</sup> JÚNIOR, Roosevelt Araújo da Rocha. op. cit., p. 242.

de uma excelência histórica, lugar em que tempos históricos convergem; uma viagem – o que me lembra a influência surrealista de André Breton<sup>25</sup>, teórico e autor do *Manifesto do surrealismo*<sup>26</sup>.

Os processos de conquista ocorridos ao longo da América Latina se deram com conseqüente exploração, usurpação e não menos constantes aculturações daqueles que aqui viviam antes dos espanhóis e portugueses que por aqui desembarcaram. É a partir das ações desses homens europeus que ainda percebemos as veias abertas da América Latina<sup>27</sup>. Trata-se de pensar aqui que somos herdeiros dessa América.

Os astecas (azteca) ou mexicanos (mexica) dominavam com esplendor a maior parte do México quando os conquistadores espanhóis ali chegaram, em 1519 [...], contudo, haviam conhecido difíceis e obscuros começos. Chegados tardiamente ao México central, no século XIII, foram por longo tempo considerados intrusos, semibárbaros, pobres e sem terras.<sup>28</sup>

O México passou por vários conflitos, dentre eles a ânsia em se ver independente da Coroa espanhola e de seus enviados. Esta era uma questão de saber qual a identidade mexicana para aquele momento, discussão que se deve levar em conta como um problema do século XIX-XX, pois se percebe que a ciência histórica do século XIX concentrava-se nos fenômenos políticos e nas mudanças aceleradas e de grande alcance, tais como as mudanças de poder e os atos revolucionários que abalavam a ordem vigente. No entanto, cabe entender, a “vida histórica não se compõe só do que se modifica rapidamente. O longo e o médio prazo também possuem seu papel”<sup>29</sup>. Nesse trecho, Romero mostra a permanência dos poderes na América Latina, poderes esses que oscilam entre o conservadorismo e o liberalismo, tão marcado e tendo seu papel visível nos conflitos político-ideológicos.

*O labirinto da solidão e post scriptum*, ensaio que aqui será analisado, tornou-se meu objeto de estudo, tendo como fim pensá-lo à luz das problemáticas enfrentadas na América Latina, principalmente por aqueles denominados *bajo pueblo*. Aqui Octavio Paz traz essa

<sup>25</sup> Octavio Paz foi muito amigo de Breton quando foi diplomata na França e dele teve influências nas concepções estéticas e literárias para suas produções.

<sup>26</sup> Manifesto esse escrito por André Breton, teórico francês do surrealismo, perspectiva de arte que demonstra o racional e o irracional expressos, principalmente, na pintura. O *Manifesto* é de 1924.

<sup>27</sup> Em referência a GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1978. Nesse livro, o escritor uruguaio nos convida para uma viagem crítica ao longo da América Latina, nos países onde as oligarquias, os conservadorismos, os tradicionalismos aliados às ideologias elitistas não fizeram mais que traçar uma história de muita tristeza e atraso nas economias, políticas e nas sociedades desse “sub” continente, dentre os países citados está o México.

<sup>28</sup> SOUSTELLE, Jacques. **A Civilização Asteca**. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2002. p. 07.

<sup>29</sup> ROMERO, José Luís. **Pensamiento conservador (1815-1898)**. Caracas, Ayacucho, 1978. 2 v.

possibilidade da construção de uma visão múltipla do mexicano, sem, no entanto, desconsiderar o sujeito singular de meados do século XX.

Nesse quadro, indago: qual a importância desse ensaio frente ao que pretendo analisar? É no fazer (fazer-se) e refazer (refazer-se) do historiador que me lancei nessa “caminhada” em que as respostas não estão prontas e, muitas vezes, são encontradas nos vestígios da problematidade dada pelo nosso ofício; são, portanto, árduas e complexas, e, de fato, um constante aprendizado a partir das fontes. Constitui-se, assim, um questionamento instigante: como lidar com o homem e sua história? Algo que me é caro em relação à discussão intelectual e que se faz presente no tempo em que me insiro com o intuito de perceber o que se passa na América Latina quando falo no *outro*<sup>30</sup> que nada mais é que nós mesmos.

Analisarei o que Octavio Paz construiu sobre o mexicano frente à própria realidade desses sujeitos, em meio, portanto, às contradições de sua existência, à construção ou não de uma identidade mexicana, perpassando as relações sócio-culturais de certa forma moldadas pelas relações intrínsecas entre indivíduo e coletividade, marcados pelos acontecimentos explosivos do começo do século XX.

No primeiro capítulo, tenho como objetivo a discussão do comportamento do mexicano e sua(s) cultura(s) sob a explicação das “máscaras” metaforicamente apresentada na escrita de Octavio Paz. Como as máscaras que outrora eram usadas por sociedades originárias no Vale do México entre os indígenas, segundo a antropologia, ainda traduzem esse conflito entre presente e passado, conjugando sempre a necessária condição de sujeitos construtores nas “brechas” da história. Cabe também pensar aqui a máscara a que Octavio Paz faz menção em seu uso no teatro, como uma *personificação* do sujeito, e as relevantes consequências dessa possível representação do sujeito que analiso.

No segundo capítulo pretendo trabalhar a história do México herdada do conflito (revolução de 1910) em meio à relação entre História do México e o constructo da modernidade, sem, no entanto, deixar de fazer questionamentos os quais acho serem fundamentais da minha reflexão histórica: Como se insere o mexicano nesse campo de batalhas? Quais suas manifestações cotidianas para se afirmar como sujeito da história? Quais as possíveis máscaras construídas pela modernidade? E como se dá a construção das identidades?

---

<sup>30</sup> Lanço-me aqui num diálogo muito próximo da antropologia no que concerne ao tema da diferença e da identidade, muito discutido nessa ciência humana. Sobre quais as relações históricas vividas pelo “eu” (aqui falo de grupos originários da América ou mesmo nós, homens de nosso tempo) frente ao “outro” (aqui falo na dualidade de reação frente ao que está fora de mim, o que é pretensamente o “oposto”).

Nas Considerações Finais, mais especificamente, retornarei à interpretação da própria metáfora d’*O labirinto da solidão* e, assim, tratarei de refletir sobre a metáfora mexicana, dada pelo título do livro e suas possibilidades para se pensar o ensaio e a História.

Em relação ao título do livro, posso dizer que este configura uma metáfora que me colocou de frente com um desafiador e ardiloso contato com o escritor mexicano, voltado para a reflexão quase que “mítica” dos processos históricos durante a escrita do livro. Pretendo fazer um enlace entre o que Octavio Paz quis dizer com a metáfora do *labirinto*, suas possíveis interpretações e seus sujeitos construídos, como parte dessa metáfora. *O labirinto* é

segundo o mito, designação da moradia construída por Dédalo para o Minotauro, devorador de seres humanos [...]. Além disso, o labirinto é uma antiga forma sacra ou mágica de dança e de jogo, em parte associada à idéia dos ritos de passagem (como nos funerais).<sup>31</sup>

O título do livro traz possibilidades de interpretação que perpassam também a síntese das outras reflexões em torno da metade do século XX. A história do México sob a escrita de Octavio Paz não é isenta desses “rituais de passagem” que traduzem bem a transição de uma dada época explosiva para os limites do sujeito mexicano, de 1950. *Solidão* entendo como singularidade, como indivíduos que retomam seu *tempo* independente do relógio-cronômetro (do presente), por isso estão “sós”.

O mexicano, figura central na reflexão de Octavio Paz, é um ser/sujeito que ora é hermético, ora é aberto à sociedade em que vive, traduzindo novas perspectivas de se viver em sociedade, contribuindo aqui para o trabalho do historiador, de forma a interpretar as condições humanas, sem que delas se distanciem.

---

<sup>31</sup> LURKER, Manfred. **Dicionário de simbologia**. São Paulo: Martins Fontes. s/p.

## CAPÍTULO 1

### A MÁSCARA: CULTURA E COMPORTAMENTO MEXICANO

N<sup>o</sup> *labirinto da solidão*, a máscara esconde o rosto e revela outro; a máscara emudece, a máscara protege, mas também revela algo para além de nós mesmos, que pode ou não ser o verdadeiro “eu”. Octavio Paz usa dessa metáfora quase que como um constructo do ser mexicano.

A máscara como instrumento, criado, “fantasiado”, não existe só, em si, mas depende do sujeito<sup>32</sup>, do mexicano, como ser e estado; a máscara aqui também remete aos rituais dos Mexicas, ao que é originário do México central, ao que é peculiar no começo do século XVI, quando, em 1519, Hernán Cortez e seus soldados chegam à América medial e conquistam toda a sociedade indígena Asteca.

Os sujeitos de quem falo, são esses que constroem, de maneira ambígua ou não, a sua história, sujeitos que estão nos processos sociais da história, inseridos nas práticas cotidianas, na cultura como meio de expressar e viver a vida. O sujeito mexicano que “veste” a máscara para, por meio desta, traduzir sentimentos, explicitar relações; é o sujeito social que revela comportamentos – ora herméticos, ora abertos –, e tudo isso se dá no cotidiano simples do *bajo pueblo*, por meio do qual Octavio Paz fala da linguagem popular, uma vez que o comportamento, para esse autor, é também um tipo de linguagem, um meio de se expressar.

O autor o faz atento para o conceito de *popular*, equivalendo a pensar o *bajo pueblo*, caracterizado pelas pessoas comuns do México, as mesmas que esperavam das reformas mudanças prometidas durante décadas pós-revolução de 1910. Também, segundo Octavio Paz, “a linguagem popular reflete até que ponto nos defendemos do que é externo [...]”<sup>33</sup>. O mexicano, em posição de defesa, vê-se inteiro frente às adversidades.

No segundo capítulo d<sup>o</sup> *labirinto da solidão*, intitulado “Máscaras Mexicanas”, Octavio Paz “revive” a memória mexicana e diz sobre o ser que se entrega a uma nova *Era*, à sua própria história, desvendada pelo caminhar cotidiano, que é silenciado durante o ano; silêncio que revela o comportamento peculiar do indivíduo, pois “o mexicano pode se curvar, se humilhar, se agachar, mas não pode „se abrir”<sup>34</sup>. E é dessa premissa de um sujeito singular

---

<sup>32</sup> Atrevo-me a falar em sujeito porque o mexicano, considerado por Octavio Paz como ser emblemático, distinto e não menos complexo, possibilita motes para pensar-se também a construção da história, das práticas nas festas, nos rituais, nas relações sociais, não só como ser, mas como sujeito.

<sup>33</sup> PAZ, Octavio. **O labirinto da solidão e post scriptum**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006, p. 30.

<sup>34</sup> Ibidem, p. 31.

que o autor aborda sobre hermetismo, solidão, em contraposição a um *outro* mexicano, o da festa, momento esse em que o comportamento do mexicano como indivíduo se encontra com a memória social, no grupo, no grande encontro entre os iguais.

A máscara como instrumento, construída metaforicamente, faz parte do mexicano. A máscara o acompanha, é instrumento do comportamento hermético do mexicano e esse mexicano fechado a que Octavio Paz se refere é aquele que é silenciado durante o resto do ano, é o sujeito se constrói de modo distinto do *outro*, do que lhe é externo seja para traduzir sofrimentos e adversidades ou, possivelmente, pôr à mostra o verdadeiro “ser”.

Octavio Paz usa dessa metáfora em meados do século XX, talvez muito propositadamente, pois a construção do México, industrialmente falando, com as inúmeras promessas de desenvolvimento, que se espalhava por toda a América Latina, foram também parte dos questionamentos e reflexões sobre o homem e a mulher mexicana. A máscara se torna possibilidade dessa relação entre a memória e comportamento de um povo que vive mediado pelas turbulências capitalistas e sua sociedade mais antiga.

A máscara como instrumento do comportamento do mexicano se relaciona com sua memória, já que esse sujeito carrega consigo as “chagas” do passado colonial. Nos momentos de festa, tal sujeito volta à época da Conquista, período em que Octavio Paz descreve no capítulo II sobre a “mentira”, a “simulação”, e a “dissimulação” desses sujeitos no cotidiano. Essas três práticas foram muito bem utilizadas desde a época de Hernán Cortez para a sobrevivência dos Astecas na época colonialista. Tais práticas ainda permanecem entre os mexicanos do século XX, revelando o que foi herdado da sociedade pré-cortesiana; assim, o mexicano inventa uma condição para sua real situação, carregando consigo cada parte da história do México.

Octavio Paz, na sua contemporaneidade, observa e analisa como os resultados das lutas anteriores também fazem parte da luta diária do mexicano, sendo, muitas vezes, trazidas à tona nas atitudes desses sujeitos. Talvez se faz necessária reflexão que indica a modernidade como luta. Tema esse que o autor se detém nos capítulos posteriores do ensaio: “Em certo sentido, a história do México, como a de cada mexicano, consiste numa luta entre as formas e fórmulas em que pretendem encerrar nosso ser e as explosões com as quais nossa espontaneidade se vingam.”<sup>35</sup>

---

<sup>35</sup> PAZ, Octavio. **O labirinto da solidão**. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 2006. p. 33.

Ainda sobre a máscara, refletindo sobre o legado teatral de Alarcón<sup>36</sup>, Octavio Paz desenvolve no capítulo II uma crítica sobre o México herdeiro de uma arte que é expressa nas metáforas. Não seria coincidência ser o teatro retratado pelo autor como feito de máscaras, pois o personagem em cena se *personifica*, se mascara e se revela um “herói [que] se torna problema.”<sup>37</sup> Para o autor, “os valores postulados por Alarcón pertencem a todos os homens e são uma herança greco-romana, assim como uma profecia da moral que o mundo burguês imporá.”<sup>38</sup>

Pela análise pontual do teatro espanhol, Octavio Paz interpreta a forma mais expressiva de representação do mexicano, reafirma o comportamento desses sujeitos por meio da caracterização do teatro de Alarcón, no século de Ouro espanhol, em que o barroco é característica principal desse modelo de teatro, especialmente herdeiro da conquista espanhola. O mexicano, em analogia ao teatro constrói no seu cotidiano a máscara para tornar-se *outro*, o personificado.

O indivíduo que “atravessa a vida esfolado: tudo pode feri-lo, palavras e suspeita de palavras”<sup>39</sup>, a quem o autor se refere durante o segundo capítulo, é o sujeito que se comporta de modo a se mostrar em contradição. É o sujeito que se mostra arraigado à cultura (ou parte dela) dos séculos pré-cortezianos, sendo a festa a maior expressão disso. É o sujeito que produz cultura a partir desse encontro entre passado e presente, é aquele que se refaz em sociedade; é constructo, mas ao mesmo tempo construído por seu tempo, por suas práticas. A máscara aqui faz-se instrumento e medicação dessa cultura, é revelação dessa cultura, pois o sujeito retira a máscara para viver esse diálogo entre o presente e o passado.

A permanência de muitos aspectos da cultura pré-corteziana se revela como memória viva da sociedade mexicana e de certos grupos, e Octavio Paz aponta esses grupos como peculiares, distintos do resto da sociedade. A cultura do mexicano do século XX se mostra *culturas* “mescladas”, revelando singularidades da cultura asteca propriamente dita – como a relação vida/morte –, e essa conjugação de culturas, esse entrelaçamento de culturas é, por assim dizer, a expressão maior da memória social desses sujeitos: “[...] a relação entre o

---

<sup>36</sup>“Juan Ruiz de Alarcón y Mendoza (Taxco o Ciudad de México, 1580 - Madrid, 1639) Autor dramático que, aunque nacido en México, es considerado una de las figuras más destacadas del teatro español de los Siglos de Oro.” Conferir [http://www.biografiasyvidas.com/biografia/r/ruiz\\_juan.htm](http://www.biografiasyvidas.com/biografia/r/ruiz_juan.htm).

<sup>37</sup> PAZ, Octavio. **O labirinto da solidão**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006. p. 34-35.

<sup>38</sup> Ibidem, p. 34.

<sup>39</sup> Ibidem, p. 30.

passado e o presente é uma relação mais complexa que deriva do facto da memória ser um sistema cultural de atribuição de significado que se produz ao longo do tempo.”<sup>40</sup>

A história do cotidiano dos mexicanos é traçada pela memória, revelando homens e mulheres herdeiros dos processos históricos mais recentes de sua época – e aqui faço menção à Revolução Mexicana de 1910, acontecimento esse que, para o autor, foi uma explosão em forma de festa; é quando o mexicano vive seu êxtase, resultado de muita luta e representando uma radical ligação à questão da terra. Essa relação passado-presente trata de um regresso constante, tanto da escrita de Octavio Paz como também do necessário *voltar às origens* de um México pré-colonial, pois a própria Revolução, da qual o autor também é herdeiro, tratou de uma ânsia em retornar ao passado pré-corteziano, às origens agrárias, ao tempo indígena.

O mexicano é esse ser ambíguo, e vive dessa ambiguidade, dessa inconstância por causa do “receio”<sup>41</sup> de que tanto Octavio Paz afirma; trata-se de sujeitos que vivem as angústias do seu tempo, tratam-se das promessas feitas por governantes mais recentes da história que, por meio jurídicos (Reformas liberais), trataram de “sufocar” os mexicanos e, de certo modo, instituíram um México aquém das reivindicações da Revolução de 1910. E é preciso pensar aqui como o mexicano “reage” diante dessa situação histórica, não apartado das lutas, que agora se fazem cotidianas: a luta é em relação à inserção do país no modelo moderno de “civilização”, luta por uma sobrevivência de certas tradições, de certos anseios ainda muito vivos entre os mexicanos.

O México instituído por alguns e por certos grupos do poder central não isenta o mexicano, o povo comum, de suas mais necessárias formas de revelar-se e permanecer em sociedade, e a festa é a principal maneira de se expressar diante dos que insistem em oprimir ou mesmo negar as tradições, o que é chamado por muitos como formas “primitivas”, que não podem coexistir com o moderno, por isso Octavio Paz analisa um mexicano que vive entre seu mundo e o mundo dos de *fora*<sup>42</sup>.

A memória social traduzida nas práticas cotidianas do mexicano é aquela revelada nas festas. Essas são a expressão maior de uma “permanência” da cultura asteca, de resquícios, e de regresso à questão dos mitos e lutas indígenas. O mexicano se mostra nessa dinâmica necessária e inevitável da produção da cultura, mais calcada no mito (o que de fato faz com

---

<sup>40</sup> PERALTA, Elsa. Abordagens teóricas ao estudo da memória social: uma resenha crítica. Arquivos da Memória: Antropologia. **Escala e Memória**, n. 2, p. 04-23, 2007. p. 15.

<sup>41</sup> PAZ, Octavio. **O labirinto da solidão e post. Scriptum**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006. p. 31. A desconfiança e o medo também fazem parte do silenciamento, da vida cotidiana mexicana.

<sup>42</sup> A relação com o *outro* é sempre desconfiada, de certo modo uma reação comum daqueles que sempre foram vistos como os submetidos à história oficial e também a outros povos, como o foi a relação com os europeus.



que as pessoas comuns realizem suas festas, permaneçam na unidade) e materializada nas comidas, nas vestimentas e na relação com esse passado.

“Uma rememoração do passado cuja contrapartida necessária é o esquecimento do tempo presente”<sup>43</sup> revela o hermetismo do mexicano e sua relação com o tradicionalismo. Sendo assim, uma análise pertinente sobre o comportamento do sujeito abriu possibilidades para pensar sobre os “rastros” de culturas ainda muito presentes na vida do mexicano de 1950, aqueles que intitula manifestações sócio-culturais, coletivas, em consonância com as manifestações individuais de cada sujeito.

O comportamento do mexicano faz parte do inconsciente desse sujeito, já que explicita vontade em fazer parte da história e Octavio Paz fala da memória que conjuga também saberes como a construção de cada indivíduo, tornando-se parte da construção coletiva. Por isso, “na escala da memória coletiva”<sup>44</sup>, pensar em resquícios, em perdas e em transições de uma dada época – de certos valores – e ter discernimento das implicações dessas mudanças históricas e culturais na relação íntima com o comportamento do sujeito é pensar o mexicano que age, ora pela vontade de viver, ora para esquecer das “dores” cotidianas.

Na festa, no dia 02 de novembro, dia de finados, é que o sujeito se “abre”, se desmascara e, enfim, vive sua história, deixando com que seu Ser aflore, instintivamente – como o foi na Revolução de 1910. As manifestações em dias de festas são práticas que reavivam a memória, para enfim (re)fundar uma nova cosmogonia.<sup>45</sup>

A tradição, o que se repete, é o desejo de ruptura, e não a exaltação do antigo como modelo, mas da consagração do novo, do diferente. A releitura ou a nova significação que é dada ao conceito de tradição torna bastante evidente a ambiguidade que marca a relação entre o antigo e o moderno.<sup>46</sup>

A partir desse trecho é justificado o conceito de tradição e sua relação com as manifestações sócio-culturais do mexicano nos dias de festa e a máscara permeia todo esse processo, a fim de ser a ligação entre o sujeito hermético e o que se desprende, o que comunga com os outros sujeitos.

Cria-se, nesse sentido, *outro tempo, outro espaço* não mais baseados nas constâncias da vida, fugindo a uma dada realidade, considerando, com Octavio Paz, que “aliviamo-nos da

---

<sup>43</sup> BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade** : lembranças de velhos. São Paulo : T. A. Queiroz : Ed. da USP, 1987. p. 29. Introdução.

<sup>44</sup> Ibidem, p. 455.

<sup>45</sup> REZENDE, Antônio Paulo. Octavio Paz: as trilhas do labirinto. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 20, n. 39, 2000, p. 223-248.

<sup>46</sup> Ibidem, p. 227.

nossa carga de tempo e de razão”<sup>47</sup>. Aqui o termo *razão* não foi empregado de forma simplória pelo autor, mas quer chamar atenção para os princípios da modernidade calcados na racionalidade humana, o que foge de alguma maneira ao comportamento dos sujeitos mexicanos, pois “parece que existe uma comunidade a se fundar, porque existe uma comunidade que se perdeu”<sup>48</sup>. O diálogo é também necessário na medida em que implica o diálogo com a tradição asteca, na medida em que os homens e os deuses estavam muito mais próximos, mesmo que os homens eram submetidos às vontades desses deuses. A *morte*, para os astecas, seria o conceito dialógico entre a vida na terra e os deuses, por meio dos sacrifícios indígenas – lembrando também que Octavio Paz condena os sacrifícios empreendidos pelos indígenas e critica toda e qualquer barbárie empreendida pelos governos e as institucionalizações das revoltas por estes que implicam a institucionalização da vida humana.<sup>49</sup>

No capítulo III, “Todos os santos, Dia de finados”, Octavio Paz analisa mais detidamente as festas mexicanas baseadas num povo ritual e distinto. Distinto daquele indivíduo do resto do ano, que carrega consigo a máscara e o comportamento hermético, silencioso. Aqui o mexicano retira as máscaras, revela a íntima relação entre a memória e a história, e o diálogo pertinente entre presente e passado.

Assim afirma Octavio Paz: “[...] celebramos a Festa do Grito; e uma multidão excitada efetivamente grita pelo espaço de uma hora, talvez para se calar melhor durante o resto do ano.”<sup>50</sup>. Nesse sentido, o mexicano se fecha e a memória latente se comunica nos dias de festa, refletindo as incertezas do ser e do sujeito, mas mostrando as possibilidades das várias construções do próprio mexicano no seu cotidiano.

Durante as festas, as memórias revivem, e não há um “jogo” apenas com a memória do passado pré-colonial, mas também uma permanência da festa revolucionária de 1910, momento que Octavio Paz reconhece como a festa que explosivamente se consumou, momento em que o mexicano se encontra consigo mesmo; foi decisivo, foi poético, e foi mortal, pois *virou o México de ponta cabeça*<sup>51</sup>.

A memória, como parte do diálogo entre passado e presente, remete a pensar que a história não está apartada da percepção da singularidade mexicana, e o mexicano vive dos vestígios do passado – nas festas, na religiosidade; é o passado vivo na memória coletiva dos

<sup>47</sup> PAZ, Octavio. **O labirinto da solidão e post scriptum**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006, p.49.

<sup>48</sup> REZENDE, Antônio Paulo. Octavio Paz: as trilhas do labirinto. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 20, n. 39, p.223-248, 2000. p. 224.

<sup>49</sup> PAZ, Octavio. **Pequeñas crônicas de Grandes días**. Fondo de Cultura Económica: México, 2003.

<sup>50</sup> \_\_\_\_\_. **O labirinto da solidão**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p. 45.

<sup>51</sup> Uso essa expressão em alusão às mudanças bruscas que é a característica marcante uma revolução.

que desfrutam das práticas sócio-culturais, passado esse que está embebido também de experiências<sup>52</sup> e saberes, realizados materialmente nas culturas convergentes. “A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução aberta à dialética da lembrança e do esquecimento”<sup>53</sup>.

Se enquanto no capítulo II o autor se deteve na questão do mexicano hermético, isolado de todas as conjunções da sociedade, sofrido em si mesmo, por sua *solidão* o mexicano de “Todos os santos, dia de finados” se revela no capítulo III. O princípio do recato, agora se torna o princípio do extravasamento, do reconhecimento de si no outro, sendo um só, portanto – o mexicano sem máscaras. Tudo acontece como nos sonhos, mas, paradoxalmente, como parte da vida. E é isso o que Octavio Paz tanto reflete em seu ensaio, pois é indiscutível a permanência da tentativa de explicitar os desejos, as ânsias e a “universalidade” do mexicano, caminhando com a memória e negando a pureza de seus comportamentos.

As práticas sócio-culturais, as quais tanto insisto em enfatizar nesse meu trabalho, entendo como “[...] conceitos [...] dos quais partimos – não são conceitos, mas problemas, e não problemas analíticos, mas movimentos históricos ainda não definidos [...] [*pois*], cada conceito interagiu com uma história e experiência em transformação”<sup>54</sup>.

Raymond Williams, em *Marxismo e literatura*, estuda e analisa os conceitos que perpassam o campo da cultura, em consonância com o conhecimento histórico, que aqui não está isolado das construções de termos e sua dinâmica na própria história. E, concernente ao México de Octavio Paz, senti-me à vontade para pensar relações muito íntimas entre os conceitos nos quais me fundamento para tratar das questões delicadas de um ensaio tão complexo como esse meu objeto de estudo.

Williams quer propor pensarmos a cultura que principia e se desenvolve perpassando uma análise da economia e da sociedade, mas a principal e radical mudança se dá quando esse estudioso pensa a cultura como *culturas*<sup>55</sup>, fugindo de toda a lógica de influência iluminista até então desenvolvida e explicada, pois, a partir dessa ruptura e resignificação do conceito: “Era necessário [...] falar de „culturas“, e não de „cultura“, levando-se em conta a variabilidade, e dentro de qualquer cultura reconhecer a complexidade e variabilidade das forças [...]”<sup>56</sup>.

<sup>52</sup> Edward P. Thompson fez um amplo estudo sobre experiência, tratando essa como parte dos sujeitos sociais, imbricadas nas mudanças históricas e no fazer e refazer-se cotidiano de cada sujeito.

<sup>53</sup> NORA, Pierre. Entre memória e história. Prefácio a *Lês lieux de memore*. Paris: Gallmard, 1984. Tradução de Yara Aun Khoury. In: **Proj. História**, São Paulo, n. 10. dez. 1993, p. 9. v. I.

<sup>54</sup> WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1979, p. 17-18.

<sup>56</sup> *Ibidem*. p. 23.

O diálogo pertinente que decorre do trecho citado é que, ao projetar a cultura do mexicano como práticas sócio-culturais, esses conceitos conjugam uma série de significados que necessita de pensar que as culturas se inserem num campo dinâmico das práticas materiais e revelam processos para a própria sobrevivência histórica. Assim, tanto as ações sociais quanto as representações sobre o social tornam-se passíveis de serem apreendidas pelo conhecimento, pois passam a ser vistas como a multiplicidade de significados dos códigos culturais, numa perspectiva dinâmica e historicamente construída pelos sujeitos sociais.

As práticas sócio-culturais, que ora estão carregadas de memória e ora estão complexamente articuladas aos mitos, rituais e morte, tratam de uma visão ampla de cultura, conceito esse calcado na noção de transformação social, de mudança de vida, em contraposição a uma dada história – dita oficial – da afirmação dos poderes nas provas documentais. Sendo assim “a complexidade do conceito de „cultura“ é, portanto, notável”<sup>57</sup>.

Os alimentos que são reunidos na festa – não apenas para serem comidos, mas também para emblematicamente ressaltarem a relevância da festa do dia de todos os santos, dia de finados, como decoração e sublevação da tradição – são levados a sério com repercussão mundial: biscoitos em forma de caveira, a relação íntima com os pares que resulta até mesmo em morte por causa da explosão da festa, bem como essa relação quase que mítica entre vida e morte revelam a memória viva entre os mexicanos. O traço cultural é, então, a significação da memória, é nele que a memória se manifesta, nos mais expressivos atos, nos símbolos e nas reações extremas: “Nossas canções, ditados, festas e reflexões populares demonstram de uma maneira inequívoca que a morte não nos assusta porque „a vida já nos curou dos horrores“<sup>58</sup>.

No desenvolvimento da escrita do ensaio, em todo momento o autor demonstra regressões na escrita, o que, permeado por significações históricas, insere o México na dinâmica de que a vida também se encontra com a história entre os mexicanos: “O diálogo entre o mundo e o homem [...]”<sup>59</sup>. E é perpassando essa afirmação que Octavio Paz, num tom mais poético que de observador dos comportamentos e relações entre os mexicanos, resume como a singularidade do mexicano e suas relações sociais se remete ao cosmos, estando bem claro que a filosofia contribuiu muito para a reflexão do autor<sup>60</sup>.

*Memória*, esse termo inerente às próprias manifestações sócio-culturais e ao comportamento do mexicano pode também remeter à resistência frente ao próprio presente de

---

<sup>57</sup> Ibidem, p. 23.

<sup>58</sup> PAZ, Octavio, op. cit., p. 55.

<sup>59</sup> Ibidem, p. 59.

<sup>60</sup> Octavio Paz foi aluno de José Ortega y Gasset (1883-1955), filósofo espanhol.

dominação política do México. Digo que há uma vontade quase que ritual de transcender a um padrão civilizacional, e é no capítulo V, "Conquista e Colônia", que Octavio Paz fala que o mexicano não descarta a *morte* como parte do cotidiano, traduzindo outros valores de ser e permanecer em coletividade.<sup>61</sup> Pensar o cotidiano desses sujeitos também ressalta as experiências de vida que escaparam ao normativo e institucional, percebidas nas entrelinhas, aponta para o provisório, para as informalidades que desafiam, de certa maneira, as regras instituídas.

Octavio Paz reflete que “debaixo das formas ocidentais ainda palpitam as antigas crenças e costumes”<sup>62</sup>, mostrando como as culturas orientais<sup>63</sup> foram de extrema influência para pensar a oposição entre o ocidental que ainda existe no mexicano e suas manifestações extremas que fogem a esse padrão cultural, imposto, de certa maneira, pelos europeus do século XVI. Reafirmo minha reflexão com relação às práticas sócio-culturais, materializadas nas festas mexicanas, as quais são vistas como práticas porque envolvem uma série de elementos que vão desde os ornamentos, os moldes e modelos próprios, até a relação mortal com o *outro*. Nesse campo de experimentações de memória viva que essa relação se refaz a todo momento, sendo “impossível” ser esta negada por parte daqueles que a vivem. Um dos exemplos mais conhecidos é a “irrevogável” devoção à Virgem de Guadalupe, mulher, indígena e santa.

A sociedade que, como um todo, impõe regras de conduta, “desmancha-se” na festa, manifestação em que o mexicano se expõe de forma devastadora. Por isso, as divergências silenciadas durante o resto do ano entra em embate cotidiano e concreto no que tange aos sentidos do social, do político e do cultural. Por isso, o comportamento hermético do mexicano – que se faz necessário até mesmo para a sobrevivência.

Experimentalmente, a construção dessa vida, o agrupamento para a construção da festa ocorrem não menos com certas barreiras econômicas, mas na ânsia em transpor o *labirinto*<sup>64</sup>, pois o sujeito vive à margem, não se mostra a si mesmo e nem aos outros. A máscara, sua maior companheira no dia a dia, é uma criação própria para se esconder (da sua real condição social) do passado e presente.

---

<sup>61</sup> Octavio Paz, desde o primeiro capítulo do livro, no qual se refere ao *pachuco*, quer assinalar essa dicotomia entre o mexicano individual, ligado à solidão, e o mexicano que se envolve com os outros com os seus pares e revela-se, “fatalmente”, vivo.

<sup>62</sup> PAZ, Octavio. Op. cit, p. 83.

<sup>63</sup> Octavio Paz escreveu sobre os costumes e cultura indiana, resultando no livro *Vislumbres da Índia um diálogo com a condição humana*, de 1956.

<sup>64</sup> A palavra-chave do próprio título do livro revela a necessária desconstrução da história, de forma que a metáfora seja aflorada a ponto de nos mostrar caminhos para a construção do conhecimento histórico.

O mexicano se abre nas festas, se desmascara e se “joga ao mundo” de forma que trata com êxtase cada momento da vida concreta. Demonstra ao mundo que todos somos *libres* desde o princípio<sup>65</sup>, por isso do diálogo entre o mundo e o homem, parte em que Octavio Paz se detém e que acima citei.

No capítulo IV, “Os filhos da Malinche”, Octavio Paz aborda como o mexicano se comporta e volta a falar em hermetismo, comparando esse sujeito aos povos do Oriente: “A sensação que causamos não é diferente da eu produzem os orientais. Também eles, chineses, indiano ou árabes são herméticos e indecifráveis”<sup>66</sup>.

A partir desse trecho, o autor reafirma sua ligação com outros povos, com atitudes que fogem ao modelo ocidental de comportamento, atitude e pensamento. Logo adiante, Octavio Paz descreve a mulher mexicana como uma figura enigmática, “seres que vivem à margem”<sup>67</sup>, e, numa tentativa de penetrar no íntimo dos comportamentos e atitudes da mulher o autor regressa ao tempo da Conquista espanhola, desenvolvendo e analisando o conceito de *Chingada*, termo esse que alude a várias interpretações que se remetem quase sempre à violência e a conotações pejorativas. Contrário à Mãe protetora, que é representada pela Virgem de Guadalupe, a *Chingada* faz parte do mito de traição – a mulher que trai, que se entrega aos espanhóis e, assim, deixa os herdeiros órfãos, na solidão.

Quem é a Chingada? Antes de tudo é Mãe. Não uma mãe de carne e osso, mas uma figura mítica. A Chingada é uma das representações mexicanas [...] a „sofrida mãe mexicana“. [...]

A Virgem é o consolo dos pobres, o escudo dos fracos, o amparo dos oprimidos. Em suma é a Mãe dos órfãos [...], mas isto é particularmente certo para os índios e os pobres do México.<sup>68</sup>

Por ter sido violado, violentado, o mexicano ainda se apresenta como esse ser “esfolado”, esse nascido da violência, da usurpação e, por isso, é preciso apegar-se à divindade para a proteção. No entanto, outros povos não diferem dos mexicanos em relação a essa atitude. O que quero dizer é que a religiosidade é quase sempre o esteio da sobrevivência de muitos povos, sejam eles ocidentais ou orientais. Mas, cabe notar, no mexicano, a peculiaridade em ter como divindade uma mulher o difere de muitos países da própria América Latina: “[...] o fim de um ciclo cósmico e a instauração de um novo reinado divino produziu entre os fiéis uma espécie de regresso às antigas divindades femininas”<sup>69</sup>.

<sup>65</sup> Quer queira, quer não, o autor remete à essência humana, principiada no humanismo, à *liberdade*, e sempre, implícita e sutilmente, demonstra essa sua ligação e referência dos séculos da renascença.

<sup>66</sup> PAZ, Octavio. Op. cit. p. 62.

<sup>67</sup> Ibidem, p. 63.

<sup>68</sup> Ibidem, p. 71 e 79.

<sup>69</sup> Ibidem, p. 79.

No capítulo V, “Conquista e Colônia”, Octavio Paz, numa intenção rememorativa, regressa ao México da época em que europeus ali chegaram. Na possibilidade de justificar ou mesmo complementar de forma concisa o que, desde o capítulo II, o autor havia especulado sobre a relação “íntima” do se povo e seu passado “atordoante”. Nesse sentido, penso que “há traumas históricos fundamentais que passam pelo processo alternado de esquecimento e rememoração [...]”<sup>70</sup>.

O termo “labirintos da cultura”<sup>71</sup>, utilizado pelo historiador Antônio Rezende em alusão ao próprio título do livro de Octavio Paz, é uma interpretação interessante do que vem a serem as festas e o mexicano imerso nesse mundo criado por ele mesmo, convergindo culturas que se remetem ao mítico e ao material, num tempo presente. Esse labirinto é o caminho traçado pelo próprio Octavio Paz na sua escrita, no necessário regresso e análise dos acontecimentos da época da Conquista espanhola.

Se Octavio Paz afirma que o mexicano carrega consigo cada parte da história do México, é pertinente pensar também que “nenhum objeto tem movimento na sociedade humana exceto pela significação que os homens lhe atribuem [...]”<sup>72</sup>. E é nessa apresentação do livro de Marc Bloch, *Apologia da História ou o ofício do historiador*<sup>73</sup>, que fica evidente a relação entre a história, a mudança histórica e a mudança da produção e conhecimento histórico, em analogia à relação que faço com o mexicano e seu passado histórico, refletido no presente memorável de seus feitos.

Bloch dá o exemplo sobre a multiplicidade de documentos com os quais o historiador tem que lidar na sua pesquisa: “seria uma grande ilusão imaginar que a cada problema histórico corresponde um tipo único de documentos, específico para tal emprego”<sup>74</sup>. O autor já alertava que “aprendemos que o homem também mudou muito: em seu espírito e, sem dúvida, até nos mais delicados mecanismo de seu corpo”<sup>75</sup>. E no capítulo “A história, os homens e o tempo”, o historiador dá margem para pensar sobre o movimento da história e a necessária dinâmica do olhar do historiador para com as histórias. Mais tarde, os termos plural e diverso se aliarão aos outros conceitos para estudos com outras perspectivas. É o caso do termo *culturas* discutido por Raymond Williams como acima mencionado.

<sup>70</sup> Conferir [www.overmundo.com.br/banco/conferencia-esquecimento-e-memoria-luiz-felipe-de-alencastro-mp3](http://www.overmundo.com.br/banco/conferencia-esquecimento-e-memoria-luiz-felipe-de-alencastro-mp3). Acesso 01 jul 2010. Vídeo-conferência.

<sup>71</sup> REZENDE, Antônio Paulo. Octavio Paz: as trilhas do labirinto. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 20, n. 39, p. 223-248, 2000. p. 224

<sup>72</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. Por uma história da reflexão. BLOCH, Marc. **Apologia da história**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 2001. p. 8.

<sup>73</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>74</sup> BLOCH, Marc. **Apologia da história**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 2001. p. 80.

<sup>75</sup> *Ibidem*, p. 65.

As marcas do passado remoto e do presente transitam pelo cotidiano do mexicano; não menos, na escrita de Octavio Paz. O autor revela sua dinâmica das palavras e a complexidade dos termos para também pensar a complexidade de seu povo. Conceitos que passam pela psicanálise, pelas artes e filosofia não negam essa densidade histórica que é o México da década de 1950. Octavio Paz, portanto, dialoga com as mudanças do olhar do historiador frente a suas mais variadas fontes e frente à possibilidade da construção histórica, pois fala “sobre a história na sua dimensão mais ampla, com sua arquitetura labiríntica e seu equilíbrio instável”<sup>76</sup>.

No ensaio, da posição de pensador, observador e intelectual, Octavio Paz precisou, em certo momento, selecionar o que havia percebido entre os mexicanos e o que essa percepção traria de construção para a escrita d’*O labirinto da solidão*.

A história tem a realidade atroz de um pesadelo; a grandeza do homem consiste em fazer obras belas e duráveis com a substância real deste pesadelo. Ou, dito de outro modo: transfigurar o pesadelo em visão, liberar-nos mesmo que por um só instante, da realidade disforme, por meio da criação.<sup>77</sup>

É pertinente notar que a memória, campo de análise da psicologia, da antropologia e da filosofia, contribui aqui para o pensamento histórico, para a construção desse conhecimento histórico, bem como se encontra implícita na escrita, nos documentos ou mesmo em outras fontes. Vale dizer, aqui meu objeto de estudo não está isolado dos métodos historiográficos, os quais são relevantes para o avanço da história e seus múltiplos “deveres”.

O que o mexicano d’*O labirinto da solidão* pode aqui me fazer pensar esse movimento histórico? Não há respostas simplórias para tal questionamento, mas a atenção que dou aqui para essa reflexão é relativa ao fato de que mesmo que Octavio Paz “divida” a escrita sobre o mexicano em duas partes – ora remetendo ao ser hermético, ora ao mexicano aberto – essa mesma “divisão” mostra que o regresso e o movimento constante do livro traz essa noção da mudança histórica, mesmo porque o mexicano é herdeiro, por assim dizer, de histórias do México. “As relações entre o passado e o presente mostram como os tempos históricos se misturam e se confundem”<sup>78</sup>.

No tocante à festa religiosa a que referi, *El Día de los muertos*, ela ocorre no México sempre no dia 2 de novembro. Mundialmente conhecida, essa manifestação traz em si o fazer-se popular, de uma especificidade que foge aos padrões dominantes. A Virgem de Guadalupe

<sup>76</sup> REZENDE, Antônio Paulo. Octavio Paz: as trilhas do labirinto. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 20, n. 39, p. 223-248, 2000, p. 230.

<sup>77</sup> PAZ, Octavio, op. cit., p. 96.

<sup>78</sup> REZENDE, Antônio Paulo, op. cit., p. 231.



se torna lugar seguro onde o *bajo pueblo* deposita suas esperanças, como amparo e contemplação diária. É oposto à *chingada*. Essa última tem como expressão a manipulada, a maltratada, a que significa o desvio das condutas do México pré-corteziano: “A estranha permanência de Cortés e da malinche na imaginação e na sensibilidade dos mexicanos atuais revela que são algo mais do que figuras históricas: são símbolos de um conflito secreto, que ainda não resolvemos”<sup>79</sup>.

Em *A colonização do imaginário: sociedades indígenas e ocidentalização no México espanhol – Séculos XVI-XVIII*<sup>80</sup>, Gruzinski fala como os europeus faziam interrogatórios para levar à Coroa espanhola os costumes e hábitos dos indígenas no México medial. Os problemas em relação à tradição oral ocasionados pelos indígenas foram muitos, já que os espanhóis, ao questionarem sobre a vida pré-corteziana dos astecas no século XVI, depararam-se com histórias cheias de nuances, que iam além da história linear e cronológica europeia. Era preciso então artificializar todo o pensamento indígena para que correspondesse às expectativas da Coroa espanhola. “Para fornecer as respostas pedidas, os informantes indígenas tiveram de esboçar uma verdadeira construção histórica, expressando um *passado* e uma *história* (de maneira aproximada) como os entendiam os representantes da Coroa”<sup>81</sup>.

Os espanhóis passaram aos indígenas as noções do ócio, do conforto e da abundância de alimentos, expressando, assim, a necessidade de “paz” entre aqueles povos. Porém, ao impor tais confortos, os próprios indígenas, chamados de informantes, respondiam aos questionamentos dos europeus dando a entender que toda aquela mudança de percepção empreendida pelos conquistados propiciou, na verdade, a extinção dos povos que na América viviam.

Alguns poucos grupos indígenas denunciavam o trabalho extenuante imposto pelos ocidentais europeus. Para isso, os indígenas deveriam sempre falar como os europeus, explicitando com maior frequência as acepções cristãs nas palavras proferidas. Era preciso traduzir o “trânsito entre os tempos”<sup>82</sup>. A comunicação entre as autoridades indígenas e seus antepassados eram permanentes e, por isso, a memória foi de fato muito importante para os indígenas, esses quase sempre questionados pelos europeus sobre seus hábitos e seus costumes.

<sup>79</sup> PAZ, Octavio. **O labirinto da solidão e post scriptum**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p. 181.

<sup>80</sup> GRUZINSKI, Serge. **A colonização do imaginário: sociedades indígenas e ocidentalização no México espanhol. Séculos XVI-XVIII**. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

<sup>81</sup> *Ibidem*, p. 123.

<sup>82</sup> *Ibidem*, p. 143.

Octavio Paz, em muitas partes d’*O labirinto da solidão* não isenta o mexicano de suas ligações com um passado mítico, muito bem exposto sobre as manifestações sócio-culturais do século XX – “os grupos de memória povoam suas lembranças, repetindo religiosamente aquilo que é e sempre foi (tradição)”<sup>83</sup> – e também pela força das heranças numa dada cultura balizada pela religiosidade, pelas práticas e rituais explosivos que fazem do mexicano um sujeito que constrói suas identidades muito bem envolvidas pelo social, e de um diálogo quase extremo com a modernidade e seus feitos históricos.

Diante do que foi analisado, é preciso pensar que a história carrega a dinâmica de selecionar que produz sua própria metodologia, e para historiadores seria equívoco pensar que tal seleção seja para reafirmar a história oficial. Muito pelo contrário, o processo em perceber as “histórias dos de baixo” faz parte de um processo de seleção em que perspectivas definidas tragam possibilidades de construção e constituição do conhecimento histórico.

Como pode-se perceber, neste primeiro capítulo do trabalho analisei a história vivida dos mexicanos – que não é simplista, mas que possibilitou tratar dos acontecimentos mais remotos naquela sociedade, o que explicita a encruzilhada que o ofício do historiador tem que enfrentar quando não pode, de maneira nenhuma, negar esse diálogo pertinente entre presente e passado, suas contradições, suas permanências e mudanças.

---

<sup>83</sup> RIBEIRO, Renilson Rosa. Nos jardins do tempo: memória e história na perspectiva de Pierre Nora. Conferir <http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=historiadores&id=11>. Acesso em 26 set. 2010.

## CAPÍTULO 2

### A CONSTRUÇÃO DA MODERNIDADE E A CRÍTICA DA REVOLUÇÃO MEXICANA

*[...] Essa tempestade o impele [o anjo da história] irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos progresso.*

(Sobre o conceito de história - W. Benjamin)

*Todos bienvenidos a la fria realidad. Todos bienvenidos al territorio libertad. Todos bienvenidos al encuentro de la dignidad. Todos con Zapata. Rebeldía, solidaridad.*  
(música da banda Ska-P)

Na escrita d’*O labirinto da solidão*, Octavio Paz faz referência à Revolução mexicana de 1910 como uma demarcação histórica para desvendar ou mesmo dar significação aos sujeitos de seu país. Assim, do capítulo VI ao capítulo VIII, Octavio Paz se refere às histórias mexicanas, numa escrita muito mais “científica”, do ponto de vista metodológico, do que “metafórica”.

É a partir da Revolução mexicana – ou no plural, revoluções mexicanas<sup>84</sup> – do começo do século XX, que os sujeitos herdeiros ou não dessa parte da história carregam certa angústia em relação ao que ficou para trás, perdido no tempo histórico, no qual o próprio mexicano ainda se sente inserido.

Num viés muito mais político, Octavio Paz passa a abrir possibilidades de interpretações sobre os acontecimentos históricos do México, demonstrando como esses estão intimamente ligados aos séculos anteriores à modernidade. Há, por exemplo, a retomada da discussão da revolução mexicana no capítulo VI, “Da Independência à Revolução”, em que Octavio Paz mostra caminhos que o mexicano, apesar da angústia da perda de um acontecimento histórico, traz em si e, em conjunto, mostra a necessidade de criar-se perante o social e o cotidiano. Sobre a conquista europeia em solo mexicano o autor fala:

A Nova Espanha, sobretudo nos primeiros tempos, girava em torno da Casa como um astro menor, porém dono de luz própria, como as outras possessões e reinos. Os Bourbon transformaram a Nova Espanha, reino vassalo, em mero território ultramarino.<sup>85</sup>

<sup>84</sup> A Revolução mexicana pode ser pensada no plural a partir da atuação dos mais diferentes grupos sociais – dos ricos proprietários aos camponeses pobres –, por isso alguns estudiosos analisam a revolução como um complexo de interesses que, no fim, possuíam como maior ponto de decisão a ação dos camponeses, os quais tinham certa autonomia.

<sup>85</sup> PAZ, Octavio. *O labirinto da solidão e post scriptum*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006. p. 107.

É perceptível como o autor traduz uma parte da história do seu país para chegar ao tema da Revolução e das posteriores tentativas de construção da história mexicana. Octavio Paz faz esse regresso para justificar, de certa forma, como o mexicano do século XX relaciona com a memória histórica de seu país. Perpassa as Reformas<sup>86</sup> dos Reis, sempre as criticando pelo fato de as mesmas serem insuficientes, pois, segundo Octavio Paz, é preciso haver uma “transformação da própria estrutura da sociedade e de um exame dos pressupostos que a fundamentam”<sup>87</sup>.

É interessante perceber que a leitura de Octavio Paz busca um sentido maior no passado, antes da chegada dos espanhóis, para evidenciar essa ruptura já instalada internamente entre os indígenas, sendo necessário atentar aqui para o fato de que a conquista foi possível também graças aos povos que viviam na América Medial, submetidos aos Astecas. A Conquista, portanto, expressa não o suicídio do povo asteca, uma vez que se encontravam abandonados por seus deuses. É percebida também na atitude de Montezuma: de acordo com o autor, sua luta final (o encontro com Cortés) parece ser a concretização do suicídio, algo que é possível dizer partir dos textos que temos sobre esse acontecimento<sup>88</sup>. A Conquista provoca a criação de uma unidade que se sobrepõe à pluralidade cultural pré-cortesiana:

Diante da variedade de raças, línguas, tendências e Estados do mundo pré-hispânico, os espanhóis postularam um único idioma, uma única fé, um único senhor. Se o México nasce no século XVI, é preciso convir que é filho de uma dupla violência imperial e unitária: a dos astecas e a dos espanhóis.<sup>89</sup>

Nesse sentido, o Mundo Colonial se revela fechado, posto que a violência a qual assola o mexicano encontra grande parte de sua justificativa na “dupla violência” da Conquista. O mexicano do século XX é fruto da Conquista, é resultado dessa agressão e se fecha para o mundo na tentativa de se proteger, assumindo máscaras as quais o prendem no labirinto da solidão.

Octavio Paz mostra como as máscaras foram forjadas, no que se refere aos processos de independência. Mostra como os povos hispano-americanos foram, ao longo de sua história, perdendo suas bases de sustentação – seja material e espiritual. O que se configurava, então, era o interesse de uma minoria que construía formas para se manter no poder.

---

<sup>86</sup> Um dos exemplos o autor dá sobre a reforma de Carlos III.

<sup>87</sup> *Ibidem*, p. 108.

<sup>88</sup> *Ibidem*, p. 86-87.

<sup>89</sup> *Ibidem*, p. 92.

Segundo o autor, o século XVIII prepara o início dos movimentos de independência e, com pretensões políticas institucionais, a Independência se apresenta como um fenômeno de duplo significado: primeiro, seria a separação do corpo morto do Império Espanhol; em segundo lugar, o nascimento de uma pluralidade de novos estados, que se formam por interesses de pequenos grupos locais. “[...] Assim, as novas repúblicas foram inventadas por necessidades políticas e militares do momento, não porque expressassem uma verdadeira peculiaridade histórica”<sup>90</sup>.

Nesse sentido, as novas repúblicas se formavam, adotando constituições de cunho liberal, mas não expressavam os interesses da maioria dos povos:

[...] Na Europa e nos Estados Unidos, estas leis correspondiam a uma realidade histórica; era a expressão da ascensão da burguesia, a consequência da revolução industrial e da destruição do antigo regime. Na América Hispânica, só serviam para vestir à modernidade as sobrevivências do sistema colonial [...] <sup>91</sup>.

O autor afirma que, como consequência, a mentira foi instalada nos povos quase que constitucionalmente por meio de regimes de força das “oligarquias feudais” que mascaravam a linguagem da liberdade a fim de transformar esses países em sociedades modernas. A Constituição Liberal do México em 1857 consuma a Independência. Segundo o autor, as leis da reforma promovem a destruição das instituições que representavam a continuidade da herança colonial: as associações religiosas, a propriedade comunal indígena.

Com essa constituição liberal, não houve, no entanto, o surgimento de uma burguesia forte, ocorreu o inverso: a venda dos bens da Igreja e o fim da propriedade comunal indígena, acentuando o caráter feudal no México, termos que em Octavio Paz fala em detrimento dos avanços que outros países estavam alcançando no mesmo período. Surge uma nova casta latifundiária que, através da figura de Porfirio Díaz, organiza o país, constrói estradas de ferro e cria as primeiras indústrias. No entanto, por outro lado, abre o México para o capital norte-americano. Díaz utiliza o discurso de progresso tendo como base as leis positivistas, escamoteando a realidade do país.

Portanto, mesmo emancipando-se da metrópole espanhola, a América hispânica não promove situação de igualdade para a grande massa populacional dos países, já que antigas instituições são extintas a partir de manipulações “mascaradas” de grupos para permanecer no poder. Assim, a Nova Espanha, para Octavio Paz, é a implantação puramente concreta dos moldes europeus de civilização. Por isso, no ensaio, o autor volta a falar de máscara, num

<sup>90</sup> PAZ, Octavio. **O labirinto da solidão e post scriptum**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006. p.111.

<sup>91</sup> *Ibidem*, p. 111.

cunho político e envolvida no discurso da modernidade. “A nossa revolução de independência é menos brilhante, menos rica de idéias e frases universais, e mais determinada pelas circunstâncias locais”<sup>92</sup>. O caudilhismo é o exemplo maior que explicita o mexicano às avessas e como singular, principalmente em momentos políticos cruciais no país: o caudilho – fruto da Independência –, considerado, por reconhecimento, como “protetor” do povo e de seus interesses.

Nesse momento, Octavio Paz faz a distinção entre a história do México na época das Independências com a história de outros países da América do Sul, e seu principal exemplo foi Bolívar, conhecido como herói e projetista de uma América Latina unificada. É pertinente a proposta de discussão sobre a história do México feita por Octavio Paz, uma vez que esta perpassa também questões imprescindíveis para a época das décadas de independência e Revolução. O conceito de sociedade moderna que o autor tanto critica – por ser esse um constructo inacabado e inatingível pelos mexicanos da independência, que tinham como líderes os descendentes espanhóis – demonstra a fragilidade dos processos históricos e das mudanças do discurso moderno, já que “rompem com a Espanha, mas se mostram incapazes de criar uma sociedade moderna”<sup>93</sup>.

De fato, ao longo do capítulo “Da Independência a Revolução”, o autor sempre contrasta essa *nova* sociedade que se foi criando no México e seus “erros históricos”: “A novidade das nações hispano-americanas é enganosa; na verdade, trata-se de sociedade em decadência ou em imobilidade forçada, sobrevivência e fragmentos de um todo desfeito”<sup>94</sup>.

Nota-se que Octavio Paz é crítico dos acontecimentos pelos quais passou o México e de seus resultados. O autor também trata de pensar que – sendo seu país, e como qualquer outro país da América Latina – as independências só serviram para “vestir à moderna as sobrevivências do sistema colonial”<sup>95</sup>. A sociedade moderna, assim, exclui, não cumpre a promessa que outrora havia feito aos *pueblos*. Posto isto, o mexicano, sujeito da história, carrega em si os traumas históricos aos quais fiz menção no capítulo anterior e que serviram para expressar o que Octavio Paz sentia ao perceber o mexicano e sua relação com a memória e com as práticas sócio-culturais para a construção cotidiana.

A Reforma do século XIX fez do México um *novo mundo* e dele exigiu as mudanças na sociedade, para enfim se fundar moderna, em ruptura com qualquer vínculo colonial.

---

<sup>92</sup> PAZ, Octavio. **O labirinto da solidão e post scriptum**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006. p. 109.

<sup>93</sup> Ibidem, p. 111.

<sup>94</sup> Ibidem, p. 111.

<sup>95</sup> Ibidem, p. 111

Assim, “a Reforma funda o México, negando seu passado. Rejeita a tradição e procura justificar-se no futuro”<sup>96</sup>.

A fragilidade do discurso moderno e do ápice dessa modernidade que tanto Octavio Paz fala reflete nos exemplos que o autor dá quando cita Nova Iorque, Paris e Londres como as capitais mundiais que transmitem o progresso, negando essas a *morte* como parte do humano, contrapondo-se ao mexicano que ainda vive do mítico no seu cotidiano, difundido entre a tradição e o século XX. Mas ao citar essas três capitais ocidentais, o autor se refere como as mesmas se dão no marco da modernidade: da Revolução americana, da Revolução francesa e da Revolução Industrial. São elas as marcadoras de um tempo histórico da sociedade ocidental moderna, de uma mudança de sistema que abriu portas para o capitalismo nas suas múltiplas formas, excluindo qualquer tipo de “primitivismo”<sup>97</sup> das sociedades antecedentes.

As manifestações sócio-culturais das quais falei no capítulo anterior vão de encontro à potência imperialista em ascensão, os Estados Unidos da América, e não menos contra o padrão ocidental que as Revoluções modernas deixaram como herança no mundo, pois as práticas cotidianas minimamente transgridem o padrão moderno de sociedade. Sendo assim, o mexicano “inverte” a lógica do padrão civilizacional.

Num poema intitulado “Falo sobre a cidade”<sup>98</sup>, Octavio Paz demonstra sua crítica mordaz à modernidade: o que é a modernidade senão a construção de “fugas”?

Diz o poema:

“Falo sobre o desfile imemorial da prostituição por ruas largas como o desejo e como o tédio/ o ir e vir dos carros, espelho de nossos afãs, ocupações e paixões (por que, para que, até onde?)”<sup>99</sup>.

Octavio Paz dialoga sempre com o presente de sua escrita, já que, como escritor intelectual anti-fascista na Espanha, tendo presenciado as mazelas e sequelas das destruições empreendidas pelas guerras, e em especial a guerra civil espanhola, realiza a necessidade de voltar-se para a reflexão da contemporaneidade, e as guerras são conceituadas aqui como expressão máxima da modernidade, a qual, por meio do uso da técnica, passa a destruir não só pessoas ou territórios, mas tem como consequência maior a destruição de culturas e tradições. Essa destruição se dá por meio também do discurso moderno que, de certa forma, subverte a

---

<sup>96</sup> Ibidem, p. 115

<sup>97</sup> O próprio conceito de “primitivismo” surge na modernidade ocidental, para, enfim, extirpar tudo o que possa representar o avesso progressista da técnica e da ciência, que engendra a *nova Era*.

<sup>99</sup> ASCHER, Nelson. A língua irredutível de Paz. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, p. A-27, 23 set. 1987.

linguagem do *bajo pueblo*, apropriando-se desta e criando artifícios para a permanência da própria modernidade; e essa permanência se dá na burocratização do pensamento, na institucionalização das Leis e das lutas sociais.

O liberalismo da política mexicana faz parte desse progresso reivindicado pela modernidade, ou, mais intimamente, aliado ao progresso tecnicista que “afirma o homem, mas ignora uma metade do homem: a que se expressa nos mitos, na comunhão, na festa, no sonho [...]”<sup>100</sup>.

A modernidade tecnicista se encontra em meio aos homens e às Leis surgidas com os primeiros liberais do México e remete a Porfirio Díaz como um desses políticos que faz das instituições a concretização de suas propostas de manutenção do poder, ligado a um modelo ibérico de modernização. As leis empreendidas pelo liberalismo mexicano não correspondem à “realidade mexicana” pois

a imagem que o México nos oferece, ao terminar o século XIX, é a da discórdia. Uma discórdia mais profunda que a rixa política ou a guerra civil, pois consiste na superposição das formas jurídicas e culturais que não só expressavam nossa realidade, como também a asfixiavam e imobilizavam.<sup>101</sup>

Em *A duas vozes: Hannah Arendt e Octavio Paz*, o filósofo Eduardo Jardim<sup>102</sup> traduz o que Octavio Paz, ao discutir com Hannah sobre diversos aspectos das suas produções intelectuais e angústias, dizendo que “a modernização foi considerada, nessa perspectiva, unicamente, como o acúmulo de riquezas, sendo desprestigiadas todas as outras formas de experiências”<sup>103</sup>.

Durante boa parte das trocas de experiências de vida intelectual explicitadas por esses dois pensadores do século XX, Octavio Paz expõe em uma de suas epístolas como surgiu a idéia e a concretização d’*O labirinto da solidão*. Fica evidente que, a partir da observação e da ligação direta com a realidade de seu povo, dos mexicanos, nas suas experiências e comportamentos diários é que o autor explicita a necessidade de, naquele momento, na metade do século XX, traduzir o que se passava na diversidade cotidiana dos mexicanos, e como isso tudo veio a calhar para a escrita do ensaio. Hannah Arendt também fala de seu pensamento sobre as ditaduras e guerras pelas quais o mundo vinha passando desde as

<sup>100</sup> PAZ, Octavio. **O labirinto da solidão e post scriptum**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p. 116.

<sup>101</sup> Ibidem, p. 121.

<sup>102</sup> JARDIM, Eduardo. **A duas vozes: Hannah Arendt e Octavio Paz**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. Eduardo Jardim é filósofo e professor da UFRJ.

<sup>103</sup> Ibidem, p. 21.



primeiras décadas do século XX. Surge então *Origens do totalitarismo*, obra que dialoga intensamente com o pensamento de Octavio Paz, mesmo que não faça citação a esse autor.

Dois autores que refletem a história contemporânea do seu tempo, e com profundidade colocam em pauta as questões instigantes das condições e práticas humanas, colocam a prova as criações humanas e seus feitos durante as primeiras décadas do século XX, incluindo aqui as destruições e o que herdaram dos séculos passados, principalmente da modernidade.

O historiador Serge Gruzinski, no seu já citado livro “Colonização do imaginário”, afirma que a modernidade possibilitou o uso de instrumentos de aculturação impostos pela Espanha aos indígenas que no México viviam e, “ao lado dos primeiros golpes da modernidade, persistiam os modos mais antigos e mais brutais da aculturação, como os que estão relacionados com organização do trabalho e da produção e com a urbanização”<sup>104</sup>.

A formação de um indivíduo voltado para a sociedade cada vez mais com orientações próprias é um dos expressivos significados da modernidade. “A Nova Espanha, como criação universal, como ordem viva e não máscara da ordem, extingue-se quando deixa de ser alimentada por uma fé”<sup>105</sup>.

No século XIX persistiu a idéia de que

acabar com as festas significava golpear as confrarias e o culto dos santos, e, com isso, ameaçar o sistema de crenças e práticas, o espaço relativamente autônomos, as referências cotidianas e a sociabilidade que os índios, pouco a pouco, haviam laboriosamente construído.<sup>106</sup>

Pertinentemente, essa insistência em acabar com as manifestações sócio-culturais dos mexicanos de forma a homogeneizar, como era o objetivo do Estado positivista, estava implícita no discurso da sociedade moderna em gestação, pois

Uma nação é constituída não só por um passado que passivamente a determina, mas pela validez de um projeto histórico capaz de movimentar as vontades dispersas e da unidade e transcendência ao esforço solitário, o México nasce na época da Reforma. Nela e por ela é concebido, inventado e projetado.<sup>107</sup>

Nação como projeto, o México, como os outros Estados que se formaram após as guerras de Independência, é construção de uma minoria, como o foi a imposição do catolicismo na época da conquista. A liberdade reivindicada pela Constituição de 1897, pretensamente liberal não passa de uma projeção da modernidade. Falível, tal expressão de

<sup>104</sup> GRUZINSKI, Serge. op. cit., p. 399.

<sup>105</sup> PAZ, Octavio. op. cit., 2006. p. 108.

<sup>106</sup> GRUZINSKI, Serge. op. cit., p. 398.

<sup>107</sup> PAZ, Octavio. op. cit., p. 115- 116.

liberdade é criticada por Octavio Paz, já que “a liberdade e a igualdade era, e são, conceitos vazios, idéias sem outro conteúdo histórico concreto a não ser o que lhe emprestam a relações sociais, conforme Marx”<sup>108</sup>.

A liberdade como um discurso de representação moderna não se concretiza, pois se revela nada mais que um conceito ilustrativo de um pensamento em gestação, junto a uma sociedade moldada para tal. Era preciso que o México do século XIX gerasse o discurso de todas as partes do continente que se formava nos seus Estados pós-independência, era necessário e urgente um modelo de sociedade moderna, calcada em modelos que a Espanha deixou como exemplo.

Com as “roupagens do progresso”<sup>109</sup>, Porfirio Díaz revela o México nessa necessária construção do pensamento moderno, e as desigualdades entre os homens não foi mais explicada pelas consciências e sim pela ciência positiva e moderna. A ciência da evolução não mais deixava com que outro discurso se mostrasse em voga na época de Díaz, pois “o porfirismo adota a filosofia positivista, não a cria”<sup>110</sup>. Por isso, mascaram-se as idéias, o conceito de máscara dá significação à modernidade, sendo que a simulação de uma minoria no poder não é mais a mesma (dis)simulação que os indígenas tiveram diante dos europeus, mas uma *personificação às avessas*, como uma perspectiva una e homogênea da história do mexicano.

Nos capítulos VII e VIII *d'O labirinto da solidão*, intitulados “A ,inteligência“ mexicana” e “Nossos Dias”, respectivamente, Octavio Paz parte de uma tentativa de crítica da Revolução mexicana de 1910. Cabe, assim indagar: o que significou e o que poderia significar A Revolução no México, para esse autor?

Para as possíveis respostas a essas perguntas, nos primeiros parágrafos do capítulo VII Octavio Paz faz a seguinte reflexão:

Se a revolução foi uma brusca e mortal imersão em nós mesmos, na nossa raiz e origem, nada nem ninguém encarna melhor este fértil e desesperado afã que José Vasconcelos, o fundador da educação moderna no México [...] Vasconcelos pensava que a revolução ia redescobrir o sentido da nossa história [...]<sup>111</sup>

---

<sup>108</sup> Ibidem, p. 116-117.

<sup>109</sup> Ibidem, p. 118.

<sup>110</sup> Ibidem, p. 119.

<sup>111</sup> Ibidem, p. 136.

Octavio Paz se detém numa longa descrição do que seria educação segundo o filósofo José Vasconcelos<sup>112</sup>, intelectual e ativista que contribuiu para a Revolução e propõe projetos para esta nova sociedade que os revolucionários esperavam surgir. A partir desse modelo de educação pautado na política da raça cósmica<sup>113</sup>, Octavio Paz fala sobre o que significou a revolução para si próprio, como mexicano e também herdeiro das efervescências sociais da época: “Explosão do instinto, ânsia de comunhão, revelação do nosso ser, o movimento revolucionário foi busca e encontro da nossa filiação, interrompida pelo liberalismo.”<sup>114</sup>

A partir dessa interpretação que Octavio Paz faz da revolução, o autor busca elementos desse grande movimento social para analisar o comportamento do mexicano em 1950, o qual carrega a máscara e dela faz instrumento para viver e conviver em sociedade. Porém, Octavio Paz diz que “ao mesmo tempo, a revolução não se podia justificar a si mesma, porque quase não tinha idéias”<sup>115</sup>, e aqui, nessa análise feita por Octavio Paz, perpassa uma questão fundamental que cerca toda essa pretensa falta de projeto da revolução mexicana: o que de fato a Revolução significou para o ser mexicano, segundo Octavio Paz? “Encontrar uma solução orgânica, total, que não sacrificasse as particularidades do nosso ser à universalidade do sistema, como ocorrera com o liberalismo [...]”<sup>116</sup> parece ser uma resposta.

A preocupação de Octavio Paz com o que poderia ser a Revolução que, quando instaurada, encontrou muitos problemas complexos na sociedade, desfigurava-se lentamente, como quando coloca o exemplo de projetos políticos que sobrepõem projetos outros. Octavio Paz sugere que as disputas políticas são muito mais problemáticas no sentido de pensar o comportamento do ser mexicano, suas contradições e dualismos cotidianos.

Segundo uma linha de raciocínio crítica dos processos históricos, Octavio Paz elogia a atuação dos intelectuais nas suas ações para que a revolução tivesse a concretude da transformação social, citando também a necessária organização desses intelectuais. No entanto, o autor também percebe que, serem instaurados governos revolucionários, os intelectuais – denominados por ele *orgânicos*, tomando aqui emprestado o conceito de Gramsci – vão sendo deixados fora do poder ou muitos deles vão sendo levados pela “máquina” política. Questionando sobre esse distanciamento da “inteligência” mexicana

---

<sup>112</sup> CRESPO, Regina Aída. Cultura e política: José Vasconcelos e Alfonso Reyes no Brasil (1922-1938). **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 23, n. 45, jul. 2003.

<sup>113</sup> PAZ, Octavio. **O labirinto da solidão e post scriptum**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006. p. 138.

<sup>114</sup> Ibidem, p. 138.

<sup>115</sup> Ibidem, p. 138.

<sup>116</sup> Ibidem, p. 140.

quanto à crítica da sociedade, o autor indaga: “não terá deixado de ser ,inteligência, isto é, não terá renunciado a ser consciência crítica de seu povo?”<sup>117</sup>.

Citando alguns intelectuais que outrora contribuíram para a construção das leis revolucionárias, aborda as contradições reveladas nos governos que sucederam as lutas: corrupção, impossibilidade da implantação de algo democrático, pois ainda pesava na conjuntura política do México o liberalismo, e por isso “a Revolução tinha descoberto o rosto do México”<sup>118</sup>.

Samuel Ramos foi um dos intelectuais aos quais Octavio Paz reconhece como de fato tendo chegado à descrição dos elementos para entender os comportamento do mexicano e sua construção como ser e sujeito, e o instrumento que esse intelectual utiliza para pensar o mexicano é a máscara, interpretação que influenciou Octavio Paz na análise do seu ensaio, reconhecendo que Ramos, em sua, obra utiliza um método diferente do empregado n’*O labirinto da solidão*.

Um outro intelectual a quem Octavio Paz cita é Jorge Cuesta, o qual analisa os sentido da tradição mexicana. Octavio Paz faz menção à influência francesa nas análises desse intelectual e, segundo ele, a interpretação dada por esse intelectual é a de que “a verdadeira tradição do México não continua, mas sim nega a colonial, pois é uma livre escolha de certos valores universais: os do racionalismo francês [...] implicam numa idéia de homem [...]”<sup>119</sup>. Octavio Paz critica Jorge Cuesta dizendo que esse intelectual “esquece que a cultura francesa se alimenta da história da França e que é inseparável da realidade que a mantém [...] o radicalismo mexicano como procura mostrar neste ensaio, tem outro sentido”.<sup>120</sup>

Qual sentido teria, então, segundo Octavio Paz, a efervescência social ocorrida durante revolução mexicana? Uma das respostas que o autor dá a esse meu questionamento é a de que seria o sentido de “inserir nossas particularidades numa tradição universal”<sup>121</sup>, construindo assim uma necessária problematização do que poderia ter significado a revolução mexicana, reconhecendo que pensar o mexicano em suas particularidades se trata de uma “tarefa árdua e extrema, pois usamos uma língua pronta e que não criamos, para revelar uma sociedade balbuciante e um homem emaranhado [...] um homem que não termina o seu ser e que não conhece a si mesmo”<sup>122</sup>.

<sup>117</sup> PAZ, Octavio. **O labirinto da solidão e post scriptum**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006. p. 142.

<sup>118</sup> Ibidem, p. 142.

<sup>119</sup> Ibidem, p. 143.

<sup>120</sup> Ibidem, p. 144.

<sup>121</sup> Ibidem, p. 144.

<sup>122</sup> Ibidem, p. 146 - 147.

Citando também Alfonso Reyes, Octavio Paz sustenta que existe ato de violência intelectual<sup>123</sup> de uma cultura ainda espanhola, enraizada e intransigente no México, e defende que a tradição mexicana deve tornar-se mexicana, com a possibilidade de recriar-se a si mesma, e recriar-se na cultura espanhola, sem submeter-se puramente a essa última.

No capítulo VII, “A inteligência mexicana”, Octavio Paz volta a expor os dualismos que são elementares para a construção do ser mexicano, citando “solidão e comunhão” e “mexicanidade e universalidade”<sup>124</sup>. Nesses dualismos Octavio Paz volta a uma breve reflexão sobre a Conquista no México, citando o catolicismo como uma ordem fechada em si mesma que realiza a “paralisia da sociedade colonial [...] e se oferece a uma imensa massa indígena como um refúgio”<sup>125</sup>. Porém conclui, que “nem o catolicismo, fechado ao futuro, nem o liberalismo”<sup>126</sup> foram a expressão e anseio dos mexicanos, daí que mais a frente o autor contrasta a Revolução e sua peculiaridade, já que a mesma nasce do *bajo pueblo*, mesmo que congregando projetos diversos – desde o projeto agrário camponês à aristocracia e burguesia, numa tentativa de se chegar aos objetivos de uma universalidade.

Nas tentativas em chegar às respostas do significado da revolução mexicana para os mexicanos, Octavio Paz afirma que “[...] sempre, exceto no momento da revolução, vivemos nossa história como um episódio da história do mundo inteiro”<sup>127</sup>.

O autor vale-se do conceito de mexicanidade, revelando a singularidade que o mexicano tem frente a uma filosofia universal, a qual comporta as atitudes, costumes e hábitos dos mexicanos desde a época da Conquista, tratada pelo autor nos capítulos anteriores do ensaio. A mexicanidade estaria, para Octavio Paz, para além de uma certa identidade, caracterizada como uma construção principiada a partir da Revolução: “Em suma, às vezes [*como*] uma máscara e outras vezes uma súbita determinação de procurar a nós mesmos, um repentino abrir o peito para encontrar nossa voz mais secreta” (grifo meu)<sup>128</sup>.

O autor se detém numa necessária originalidade nacional do seu povo, e a partir da citação do intelectual Edmund O’Gorman, pretende saber “que tipo de ser histórico é o que chamamos América”<sup>129</sup>, saber como a América foi construída e assim deu-se a invenção desse continente por parte do europeu. Mas em quais enfrentamentos, em quais disputas essa América se inseriu quando europeus ficaram perante uma sociedade extremamente autônoma?

---

<sup>123</sup> Ibidem, p. 147.

<sup>124</sup> Ibidem, p. 147.

<sup>125</sup> Ibidem, p. 148.

<sup>126</sup> Ibidem, p. 149.

<sup>127</sup> Ibidem, p. 150.

<sup>128</sup> Ibidem, p. 151.

<sup>129</sup> Ibidem, p. 151.

A partir desse questionamento, Octavio Paz procura analisar, por meio de certos elementos do sujeito na sociedade mexicana, como se dão os comportamentos desse mexicano de 1950, sempre carregando a máscara para se revelar *outro*. O dualismo que o autor coloca durante o ensaio constitui a própria contradição do mexicano, que se vale da máscara em razão de seus comportamentos. “O movimento revolucionário mostrou que todas as idéias e concepções que nos tinham justificado no passado estavam mortas ou mutilavam nosso ser”<sup>130</sup>.

A reflexão sobre a filosofia mexicana e a necessidade dessa estar inserida numa filosofia universal levou Octavio Paz a crer na história como “uma meditação sobre o homem”<sup>131</sup>, numa perspectiva singular desse homem, em que “o destino de cada homem já não é diferente do Homem”<sup>132</sup>. Assim o autor reconhece a notoriedade da Revolução mexicana que, por meio das lutas sociais, possibilitou mudanças ao mexicano, uma vez que “a Revolução Mexicana nos fez sair de nós mesmos e nos colocou diante da história, propondo-nos a necessidade de inventar nosso futuro e nossas instituições”<sup>133</sup>.

No capítulo VIII, intitulado “Nossos Dias”, Octavio Paz continua a reflexão sobre a Revolução Mexicana, fazendo a ligação necessária entre esse o movimento com o ser mexicano: “Seremos nós mesmos sempre é chegar a ser esse outro que somos e que trazemos escondido no nosso interior, mais do que tudo como promessa ou possibilidade de ser”<sup>134</sup>.

A revolução mexicana, segundo Octavio Paz, proporcionou ao mexicano o sentido de um *novo tempo* e perpassa a crítica que esse autor não deixa de fazer quando também reconhece e analisa que a Revolução não conseguiu fazer do México uma sociedade justa e livre. Para ele, essa crítica não se restringe apenas ao seu próprio país, afirmando que “Nenhuma sociedade conhecida atingiu um estado semelhante”<sup>135</sup>. O estado que Octavio Paz reivindica aqui é o de “que os homens se reconhecem nos homens [...], uma verdadeira democracia social”<sup>136</sup>.

O autor fala dos governos revolucionários, os quais não levaram em conta o crescimento da população, e sobre o grande desafio que teriam em relação à organização da sociedade. A partir disso, como concretizá-la? A busca de uma “normalidade” histórica<sup>137</sup>,

---

<sup>130</sup> Ibidem, p. 152.

<sup>131</sup> Ibidem, p. 153.

<sup>132</sup> Ibidem, p. 153.

<sup>133</sup> Ibidem, p. 154.

<sup>134</sup> Ibidem, p. 155.

<sup>135</sup> Ibidem, p. 155.

<sup>136</sup> Ibidem, p. 155 e 156

<sup>137</sup> Ibidem, p. 157.

dada pela característica de qualquer revolução, segundo Octavio Paz, é também a reivindicação das lutas sociais e das revoluções no século XX.

Mas como pensar em uma Revolução mexicana sem contradizer projetos que eram distintos – desde os projetos de Zapata até o governo de Carranza? O autor percebe que a sobreposição de projetos, própria das disputas pelo poder, foi característica nos governos que sucederam Porfirio Díaz. Ao explicitar as características do México nos governos revolucionários, descreve que seu país teve os mesmo problemas como qualquer outro país “subdesenvolvido”, dizendo:

Nossa política externa foi justa, mas sem dúvida poderíamos fazer mais, se nos uníssemos a outros povos com problemas semelhantes aos nossos. A situação do México neste aspecto, não é diferente da situação da maioria dos países latino-americanos, asiáticos e africanos.<sup>138</sup>

Octavio Paz faz uma comparação entre a Revolução mexicana e outras revoluções – como a Revolução russa de 1917 –, reconhecendo e afirmando que a primeira não tinha o caráter ideológico como o foi a revolução russa. No entanto, diz que ambas e todas as outras de cunho socialista tem como reivindicação primeira “libertar o homem”<sup>139</sup> e, nessa tese, defende que “ninguém duvida de que o „socialismo“ totalitário possa transformar a economia de um país, é mais duvidoso que consiga libertar o homem [...] e este último item é o único que interessa e o único que justifica uma revolução”<sup>140</sup>.

O autor faz um balanço da conjuntura das lutas sociais no século XX, contrastando o surgimento das revoltas das massas, das revoluções socialistas, com o surgimento de governos ditatoriais fascistas na Europa – continente esse que, segundo o autor, pertence à estirpe de um operariado mais avançado do ponto de vista herdeiro das discussões socialistas –, traçando a distinção entre esse continente e as revoltas realizadas na América Latina: “O traço distintivo – e decisivo é que não estamos diante da revolução proletária dos países „avançados“, mas sim diante da insurreição das massas e dos povos que vivem na periferia do mundo ocidental”<sup>141</sup>.

Com essa reflexão, Octavio Paz se dedica a criticar intelectuais como foi a proposta de todo o capítulo anterior, mas critica aqui intelectuais que participaram direta ou indiretamente das revoluções na Europa, partindo da premissa de que são necessárias novas interpretações da história por parte desses intelectuais, pensar como as consequências são “bárbaras” quando

---

<sup>138</sup> Ibidem, p. 158.

<sup>139</sup> Ibidem, p. 159.

<sup>140</sup> Ibidem, p. 164.

<sup>141</sup> Ibidem, p. 167.

se caminha para uma guerra, citando a primeira Grande Guerra nesse sentido. Dá-se a exigência de novos instrumentos para analisar a história fora dos métodos ortodoxos.

Sendo assim, Octavio Paz dialoga com a história, dando significação para os acontecimentos em seu próprio país e fora dele, pois presenciou muito de perto as questões ligadas às correntes intelectuais de seu tempo. Porém, não sendo historiador, Octavio Paz realiza uma notória discussão do ser mexicano, buscando elementos que não só dizem sobre o mexicano, mas sobre seus comportamentos, tendo-se a máscara inserida nesse meio.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

“[...] o paraíso que nos promete está no futuro, num futuro intocável, inatingível, perpétuo.”

(Octavio Paz)

Após ter renunciado ao cargo de embaixador na Índia (1968), Octavio Paz anexa textos ao *labirinto da solidão*, intitulado *post scriptum*, o qual é composto por três capítulos instigantes: “Olimpíadas e Tlatelolco”, “O desenvolvimento e outras miragens” e “Crítica da Pirâmide”. Certamente a mais profunda reflexão que o autor faz sobre os mexicanos, numa tentativa de ligá-los diretamente às lutas sociais que ocorriam no mundo por toda a década de 1960.

Os capítulos anexados são singulares por se tratar de uma interpretação histórica do presente, feita por Octavio Paz, que abre possibilidades para as diversas interpretações feitas por historiadores, reafirmando o campo das possibilidades que o ofício de historiador revela junto às revisões de conceitos e também a necessidade de se pensar os homens e suas lutas na própria história, seja ela vivida ou pesquisada.

A metáfora que o título do livro traz, os pertinentes questionamentos que Octavio Paz faz é, antes de tudo, baseado numa determinante crítica às atrocidades que o mundo moderno empreende junto com o progresso, seja no âmbito da política, no âmbito do social ou no âmbito do cultural.

No primeiro capítulo, “Olimpíada e Tlatelolco”, o autor faz críticas políticas sobre o acirramento do sistema capitalista em todo o mundo na década em que Paris era a capital tida como referência em função do conhecido maio de 68, ano esse que os estudantes estavam presentes em maioria nas manifestações, o que levou Octavio Paz a refletir sobre a relação entre Universidades e estudantes de seu tempo:

A universidade é, ao mesmo tempo, o objeto e a condição da crítica juvenil. O objeto da crítica, porque é uma instituição que segrega os jovens da vida coletiva e que assim, nesta segregação, antecipa, de certo modo, sua futura alienação; os jovens descobrem que a sociedade moderna fragmenta e separa os homens: o sistema não pode, em razão de sua própria natureza, criar uma verdadeira comunidade. A condição da crítica, porque, sem a distância que a universidade estabelece entre os jovens e a sociedade externa, não haveria possibilidade de crítica e os estudantes ingressariam imediatamente no circuito mecânico da produção e do consumo. Contradição insolúvel: se a universidade desaparecesse, desapareceria a possibilidade crítica; ao mesmo tempo, sua existência é uma prova- e mais: uma

garantia- da permanência do objeto da crítica, isto é, daquilo cuja desapareção se deseja.<sup>142</sup>

Essa polêmica crítica que Octavio Paz faz à Universidade está embasada antes de tudo numa crítica contundente ao progresso da modernidade, essa tida como possibilidade de reavaliações e também de manifestações e rebeliões, o que de fato aconteceu em várias partes do mundo em 1968, pois as juventudes do mundo se rebelaram e mostraram que as falhas dessa modernidade tecnológica e tecnicista não fazem mais que mostrar que “o progresso povoou a história com as maravilhas e os monstros da técnica, mas desabitou a vida dos homens”<sup>143</sup>. Diferentemente das reações dos governos da Europa, o México reprimiu os estudantes de forma severa e arbitrária e, a partir daí, Octavio Paz faz questionamentos do porquê de o governo ter empreendido tal atrocidade, sendo que os objetivos dos estudantes eram a reivindicação de reformas democráticas, sem caráter revolucionário algum.

Ainda nesse primeiro capítulo, Octavio Paz descreve como ocorreram as manifestações estudantis de 1968 no México e a consequente repressão por parte do governo do então Partido Revolucionário Institucional. O que os estudantes reivindicavam? Democracia. É a partir desse conceito e do recorte histórico em questão que o autor fala do local onde ocorreu toda a dinâmica de reivindicações reformistas dos estudantes – a praça das Três Culturas, também chamada Tlatelolco, símbolo maior que remete à época Asteca.

A partir da relevância que Octavio Paz dá a tal acontecimento, reconhece que as repressões do passado ainda se encontram vivas, mas mascaradas – o passado dos sacrifícios, as atrocidades que os Astecas executavam, e que Octavio Paz condena desde o início d’*O labirinto da solidão* –, com o reconhecimento também de um sistema contemporâneo que reproduz e reforça toda essa repressão.

No capítulo II, “O desenvolvimento e outras miragens”, Octavio Paz aborda a evolução dos partidos políticos que foram surgindo após a Revolução de 1910 e critica o partido de Cárdenas (o PNR, Partido Nacional Revolucionário), explicitando a institucionalização das lutas e a consequente burocratização das mesmas. Sendo assim, os governos que trataram da burocratização da Revolução não fizeram mais que enrijecer as lutas para a manutenção do *status quo* da sociedade. Frente a tudo isso, as rebeliões no México são reconhecidas como resposta a esses novos modelos de política. “Assim termina o longo

---

<sup>142</sup> PAZ, Octavio. **O labirinto da solidão e post scriptum**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p. 201.

<sup>143</sup> *Ibidem*, p. 202.

período de trégua – iniciado pela revolução e prolongado pelas necessidades (a miragem) do desenvolvimento [...]”<sup>144</sup>.

Mais a frente, nesse mesmo capítulo, o autor reconhece as desigualdades sociais existentes no México e a relação desse país com Império norte-americano. Porém, para além da discussão que até então se encontrava em voga entre os intelectuais da época, o autor fala da economia e política dominante dos Estados Unidos da América sobre o México, criticando essa relação e refletindo que

trata-se de um fenômeno que não depende diretamente da natureza dos regimes econômicos e político de cada país, mas sim da desigualdade de poderio entre as sociedades [...] Falo de realidades que foram esquecidas ou negadas de um modo obstinado e obtuso pelo mundo moderno [...] que chamamos uma civilização.<sup>145</sup>

Vale dizer, Octavio Paz sempre realiza a ligação entre sociedades de seu tempo e as sociedades de um passado remoto, abordando o pertinente diálogo entre passado e presente, o que para nós historiadores é de fundamental interesse e que norteia também toda a discussão historiográfica de nosso tempo.

Ainda no segundo capítulo, o autor discorre sobre as revoluções no mundo, apresentando a diferença existente entre a Revolução mexicana e a Revolução francesa que, segundo o autor, a primeira foi consequência de um desenvolvimento insuficiente e essa última, de um desenvolvimento propriamente dito<sup>146</sup>. Existem, pois, problemas que aparecem inevitavelmente nesses dois modelos de revolução – muito distintos um do outro, pois a Revolução mexicana, como já havia sido sinalizado, tratou-se de uma revolta popular mais parecida com um movimento social do que com Revolução propriamente dita (o que foi abordado no segundo capítulo desse meu trabalho). Reavaliando as revoluções citadas, Octavio Paz afirma que

ninguém conhece a forma do futuro: é um segredo – este é o ensinamento deste meio século de transtornos – não que não está nem nos livros de Marx nem nos de seus adversários. Mas, podemos dizer alguma coisa para este futuro que em algum lugar está sendo construído por alguns rapazes apaixonados e terríveis: toda revolução sem pensamento crítico, sem liberdade para contradizer o poderoso e sem a possibilidade substituir pacificamente um governante por outro, é uma revolução que se derrota a si mesma.<sup>147</sup>

---

<sup>144</sup> PAZ, Octavio. **O labirinto da solidão e post scriptum**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006, p. 228.

<sup>145</sup> Ibidem, p. 229.

<sup>146</sup> Ibidem, p. 235.

<sup>147</sup> Ibidem, p. 235.

Nessa passagem, Octavio Paz reflete sobre o contemporâneo e as alternativas de um novo paradigma de mundo que se faz urgente e necessário em nosso século. O *presente* muito bem assinalado pelo autor durante toda a sua reflexão é a mais explícita reafirmação de sua crítica ácida ao progresso moderno, esse balizado sempre na perspectiva de futuro. E aqui o *anjo da história* que Walter Benjamin assinalou em seus estudos sobre história revela os embates em história.

O desenvolvimento, segundo modelos externos, fez com que o México, de acordo com Octavio Paz, revelasse suas desigualdades em âmbito profundo, revelasse as várias facetas da política empreendida por grupos no México, conclamando o autor ao final desse capítulo:

É preciso [...] encontrar formas, novas e realmente efetivas, de controle democrático e popular, tanto do poder político e econômico quanto dos meios de informação e da educação. Uma sociedade plural, sem maiorias nem minorias: na minha utopia política nem todos somos felizes,mas, pelo menos, todos somos responsáveis.<sup>148</sup>

No capítulo III, “Crítica da Pirâmide”, como o próprio título indica, tem-se uma crítica das atitudes dos governos pós-revolução, passando o autor a analisar o México e seus sujeitos valendo-se do conceito de *outridade*, o qual escapa a qualquer interpretação simplista do povo e dos comportamentos do mesmo.

A *outridade* que Octavio Paz incorpora ao ensaio é o que, segundo o próprio autor, é latente e interno ao seu país, “um código pré-colombiano”<sup>149</sup>. Octavio Paz volta a afirmar sobre *outridade* baseada na divisão de dois Méxicos, em que um se encontra subdesenvolvido e o outro desenvolvido por suas desigualdades econômicas sociais e culturais, mas afirma também que

Esta *outridade* escapa às noções de pobreza e riqueza, desenvolvimento ou atraso: é um complexo de atitudes e estruturas inconscientes que, longe de serem sobrevivências de um mundo extinto, são pervivências constitutivas da nossa cultura contemporânea [...] a *outridade* nos constitui.<sup>150</sup>

Na construção das identidades, o mexicano revela essa *outridade*. Melhor dizendo, convive com essa, demonstrando sua diferença peculiar perante outros povos da América Latina, explicitando as possibilidades que a história traz para a vida e para seus povos. Octavio Paz traz implícita a noção metafórica que o título do livro propõe, já que *O labirinto da solidão* faz parte dessa construção em que se encontram todos os homens em comum, e nas

---

<sup>148</sup> Ibidem, p. 235.

<sup>149</sup> Ibidem, p. 241.

<sup>150</sup> Ibidem, p. 240 e 241.

margens da história oficial, o mexicano constrói suas práticas, realiza-se e reivindica-se nelas para além do tempo cronológico, sendo sujeito da própria história.

Pautado no símbolo que representa o passado pré-cortesiano, a Praça das Três Culturas (Tlatelolco), Octavio Paz faz uma regressão da sua análise e volta-se para o tempo da pirâmide Asteca, onde ocorriam os sacrifícios humanos. Citando os principais deuses daquela época, o autor descreve as batalhas entres os povos que compartilhavam a mesma cultura. A Praça das Três Culturas constitui-se, assim, o real e o simbólico, no qual o primeiro remete às repressões empreendidas pelo governo da história presente de Octavio Paz e é tido também como simbólico por ter sido o lugar onde “ali os missionários ensinavam à nobreza indígena as letras clássicas e as espanholas, a retórica, a filosofia e a teologia.”<sup>151</sup>

Ao finalizar esse meu trabalho, percebo que há ainda muito o que falar d’*O labirinto da solidão*, não só pelo fato de ser este polêmico, ou por cada capítulo possibilitar um aprofundamento maior sobre o mexicano, mas por trazer-me esse texto, em cada leitura e releitura, a necessária problematização da história, a qual converge com nossas histórias.

Assim, questiono: quais problemáticas temos enfrentado na sociedade brasileira, nessa grande sociedade latino-americana? *O labirinto da solidão*, como fonte desse meu trabalho, abriu possibilidades de questionamentos, de preencher lacunas, em busca das quais o próprio ofício do historiador sempre está. Porém, seria indiscutivelmente pertinente pensar que o ensaio aqui é também a perspectiva de uma dada realidade que foge, em muitos momentos, à perspicácia do historiador. O uso de uma metodologia própria de nosso ofício revela brechas, muitas vezes, e necessita de uma comunicação com outras humanidades – tal como aqui foi feito por meio de breves citações e diálogos nas áreas da filosofia, da antropologia e da psicologia.

A crítica, como Octavio Paz afirma, é um exercício da imaginação, e é esse exercício necessário que fazemos enquanto historiadores. No entanto, reconheço que esse meu trabalho é avaliado aqui como princípio de um desenvolvimento muito mais profundo que o livro de Octavio Paz exige. *O labirinto da solidão* despertou-me desde o primeiro contato para as questões mais gerais de como pensam também outros intelectuais, como nós no Brasil estamos ainda muito distantes dos pensadores desse nosso conjunto de países vizinhos, sem muitas vezes nos atentarmos para a riquíssima produção dos pensadores, poetas e historiadores dos países herdeiros das conquistas portuguesa e espanhola.

---

<sup>151</sup> PAZ, Octavio. **O labirinto da solidão e post scriptum**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006. p. 258.

Seria necessário que as máscaras que muitas vezes nos emudecem fossem de fato arrancadas para que o avanço do conhecimento fosse, de fato, para abrir caminhos às inquietantes perguntas que o mundo nos faz, em formas humanas. As máscaras das quais me refiro são aquelas que permeiam a política, a educação e a cultura no Brasil; são as máscaras que impedem, de certa maneira, que nos atrevamos a ensinar, a pesquisar e a questionar o mundo que nos cerca. Seria como questionar: como pensar o Brasil, um país que é dividido, em “mil Brasis”? O que somos hoje, ou estamos para ser? Quais esperanças trazemos nos processos históricos de uma recentíssima ditadura militar?

É preciso falar em projetos que, minimamente, são discutidos pelos intelectuais de nossa sociedade, os quais carregam e reavivam a memória dos que passaram pela história, bem como do contato mais próximo com as pessoas comuns que são reconhecidamente parte da história. Realizar-se nessa jornada da qual a própria história nos indica os caminhos é, de fato, abrir mão de muitos preconceitos, os quais inevitavelmente carregamos durante a vida, e essa é a maior virtude dessa nossa inquietante companheira: “vivemos, como o resto do planeta, uma conjuntura decisiva e mortal, órfãos do passado e com um futuro a ser inventado. A história universal já é tarefa comum. E o nosso labirinto, o de todos os homens”.<sup>152</sup>

Com esse inquietante trecho, Octavio Paz se retira da análise sobre o mexicano e seu país, deixando com que as reflexões fiquem abertas, nas possibilidades do trânsito de idéias e exercício intelectual, para outros povos do continente americano. Caracteriza-se, então, o ensaio como “um livro aberto” no sentido dos significados e significantes que o próprio autor carrega na sua escrita, desafiando a crítica do leitor, reafirmando esse meu trabalho como exercício maior da possibilidade e caminho de uma leitura histórica.

---

<sup>152</sup> PAZ, Octavio. **O labirinto da solidão e post scriptum**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006. p. 154.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASCHER, Nelson. “„Branco“ a duas vozes”. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, s/p., 05 jun. 1986.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

BLOCH, Marc. **Apologia da história**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 2001.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo : T. A. Queiroz : Ed. da USP, 1987. 2. ed.

CRESPO, Regina Aída. Cultura e política: José Vasconcelos e Alfonso Reyes no Brasil (1922-1938). **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 23, n. 45, p. 4-23, jul. 2003

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1978.

GRUZINSKI, Serge. **A colonização do imaginário: sociedades indígenas e ocidentalização no México espanhol. Séculos XVI-XVIII**. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

ILKA, Regina. Tempos e memórias. Caminhos para o sertanejo: quem conta histórias? In: FENELON, Déa Ribeiro, MACIEL, Laura Antunes, ALMEIDA, Paulo Roberto de, KHOURY, Yara Aun (org.). **Muitas memória, outras histórias**. São Paulo: Olho d'água, março/2005.

JARDIM, Eduardo. **A duas vozes: Hannah Arendt e Octavio Paz**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

JÚNIOR, Roosevelt Araújo da Rocha. Desvendar e Crítica de uma Identidade: mexicanidade e Americanidade em Octavio Paz. **História, imagem e narrativas**, n. 3, ano 2. p. 247 set. 2006.

LURKER, Manfred. **Dicionário de simbologia**. São Paulo: Martins Fontes, s/p.

MARCUSE, Herbert. **Eros e civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud**. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1978.

NELSON ASCHER. “„Branco“ a duas vozes”. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, s/p., 05 jun. 1986.

NELSON ASCHER. “A língua irredutível de Paz”. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, p. A-27, 23 set. 1987.

NELSON ASCHER. Ensaio exibem lucidez do pensador mexicano. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, D-1, 28 mai. 1988.

NORA, Pierre. Entre memória e história. Prefácio a **Lês lieux de memore**. Paris: Gallmard, 1984.

WILLIAMS, Raymond. In: **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1979.

PAZ, Octavio. **O labirinto da solidão e post scriptum**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

PAZ, Octavio. **Pequeñas crônicas Grandes dias**. Fondo de Cultura Económica: México, 2003.

PERALTA, Elsa. Abordagens teóricas ao estudo da memória social: uma resenha crítica. Arquivos da Memória: Antropologia. **Escala e Memória**, Lisboa, n. 2, 2007.

REZENDE, Antônio Paulo. Octavio Paz: as trilhas do labirinto. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 20, n. 39, 2000.

RIBEIRO, Renilson Rosa. Nos jardins do tempo: memória e história na perspectiva de Pierre Nora. Disponível em: <http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=historiadores&id=11>. Acesso em: 26 set. 2010.

ROMERO, José Luís. **Pensamiento conservador (1815-1898)**. Caracas: Ayacucho, 1978. 2 v.

SANTIAGO, Silviano. **As raízes e o labirinto da América Latina**. Editora: Rocco, 2006.

SOUSTELLE, Jacques. **A Civilização Asteca**. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2002.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1979.